



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: CULTURA, EDUCAÇÃO
E LINGUAGENS

**JOANA RAFAELA COSTA MAIA BUENO MARTINS
SIMÕES DE FREITAS**

**OS *MEMES* DA PÁGINA DE *INSTAGRAM*
“*FUNKEIROS CULTS*” COMO PROCESSO DE
LETRAMENTO E FORMAÇÃO DECOLONIAL**

Vitória da Conquista – BA

2025

JOANA RAFAELA COSTA MAIA BUENO MARTINS

SIMÕES DE FREITAS

**OS *MEMES* DA PÁGINA DE *INSTAGRAM*
“*FUNKEIROS CULTS*” COMO PROCESSO DE
LETRAMENTO E FORMAÇÃO DECOLONIAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, para obtenção do título de mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens.

Linha de Pesquisa: Estudos Transdisciplinares das Linguagens.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Marília Flores Seixas de Oliveira.

Vitória da Conquista – BA

2025

F937m

Freitas, Joana Rafaela Costa Maia Bueno Martins Simões de.

Os memes da página de *Instagram* “*funkeiros cults*” como processo de letramento e formação decolonial. / Joana Rafaela Costa Maia Bueno Martins Simões de Freitas, 2025.

85f. : il. color.

Orientador (a): Dr.^a Marília Flores Seixas de Oliveira.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagem, Vitória da Conquista, 2025.

Inclui referência F. 81 - 84

1. Decolonialidade. 2. *Funk*. 3 Formação. 4. *Meme*. I. Oliveira, Marília Flores Seixas de. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagem III. T.

CDD 372.4

Catálogo na fonte: Karolyne Alcântara Profeta – CRB 5/2134

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Postagem da página “Funkeiros Cults” sobre a forma de vestir dos adeptos da cultura funk.....	36
Figura 2 - Postagem da página “Funkeiros Cults” relacionando matemática e a prática de empinar motos.	39
Figura 3 - Postagem da página “Funkeiros Cults” relacionando educação, os “crias” (ou seja, os garotos imersos na cultura em questão) e o baile funk.	44
Figura 4 - Página Inicial do perfil “Funkeiros Cults” do Instagram.....	50
Figura 5 - Postagem da página “Funkeiros Cults” comentando a visão da obra Iracema, de José de Alencar, acerca do indígena.....	53
Figura 6 - Postagem da página “Funkeiros Cults” ensinando com base na obra O Guarani, de José de Alencar, acerca da invasão dos portugueses que levou à colonização do Brasil.	54
Figura 7 - Postagem da página “Funkeiros Cults” adaptando um trecho da obra Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus, em relação à posição das lideranças políticas.	56
Figura 8 - Postagem da página “Funkeiros Cults” comentando sobre o que pensa da obra A radical imaginação política das mulheres negras brasileiras em relação ao apagamento da história das mulheres, bem como do seu posicionamento político.....	57
Figura 9 - Postagem da página “Funkeiros Cults” fazendo alusão ao poema Vou-me Embora pra Pasárgada, de Manuel Bandeira.	59
Figura 10 - Postagem da página “Funkeiros Cults” sobre como a leitura, no caso da imagem, de Machado de Assis, pode fazer pessoas mudarem intelectual e culturalmente.....	61
Figura 11 - Postagem da página “Funkeiros Cults” sobre a grande questão envolvendo a obra de Machado de Assis, Dom Casmurro, acerca da possível traição de Capitu.	62
Figura 12 - Postagem da página “Funkeiros Cults” sobre a vida “Kafkiana” no final de semana e na segunda-feira.....	63
Figura 13 - Postagem da página “Funkeiros Cults” trazendo uma citação adaptada de Heráclito.	65
Figura 14 - Postagem da página “Funkeiros Cults” exaltando a forma de vestir dos seus adeptos enquanto reflexo de uma expressão cultural.	66
Figura 15 - Postagem da página “Funkeiros Cults” compartilhando o projeto fotográfico do perfil “Favelagrafia”, no qual os moradores estão carregando instrumentos musicais.	67
Figura 17 - Postagem da página “Funkeiros Cults” em que se discute a função da literatura	

nos processos de aprendizagem.....	70
Figura 18 - Postagem da página “Funkeiros Cults” na qual se incentiva a leitura de livros e a prática de empinar motos.....	71
Figura 19 - Postagem da página “Funkeiros Cults” anunciando uma live para discutir as diversas formas de poesia que estão na cultura e que não são percebidas como tal.	72
Figura 20 - Postagem da página “Funkeiros Cults” trazendo a função social das Ciências Sociais e da Filosofia.....	73
Figura 21 - Postagem da página “Funkeiros Cults” propondo uma aula de Língua Portuguesa com uma expressão do cotidiano.....	74
Figura 22 - Postagem da página “Funkeiros Cults” sobre a importância do funk para trazer um momento de felicidade para a sociedade.	75

RESUMO

O constructo de pesquisa da presente dissertação configura-se como fundamentado em conteúdos compartilhados na rede social, os quais dialogam, por meio de elementos inerentes à cultura *funk*, com narrativas advindas da literatura. A presente pesquisa procura entender como certas vivências de aprendizado se formam, baseando-se em um letramento crítico decolonial online, utilizando como ferramenta de interpretação as publicações e interações na página do *Instagram* “*Funkeiros Cults*”, com certos conteúdos que conectam a cultura *funk* e histórias literárias. Alguns referenciais teóricos de autores como Cosson (2006), Miranda (2020), Dayrell (2002), Mizhari (2018), Balbino (2021) e Cavalcanti (2016) foram utilizados. É uma investigação qualitativa (MACEDO, 2012) em redes digitais, com uma análise aprofundada de conteúdos de base hermenêutica. As categorias de análise de cunho hermenêutico, ou ideias basilares, que viabilizaram a análise das informações, foram edificadas durante o processo da pesquisa (MACEDO, 2006). Depreende-se que, partindo de todas as noções subsunçoras aludidas, alguns potenciais formativos são explícitos, derivados de todas as interações, bem como das interpretações edificadas em cada espaço em rede pesquisado, vivenciadas mediante todas as interpretações dos *memes* apresentados nesses referidos locais. Desse modo, realça-se a grande precisão de se multirreferencializar o ensino de Literatura. Também se realça a necessidade de se entender de maneira expandida os processos de aprendizagem/formação atuais.

Palavras-chave: Decolonialidade; Funk; Formação; Meme.

ABSTRACT

The research construct of this dissertation is grounded in content shared on social networks, which dialogue, through elements inherent to funk culture, with narratives derived from literature. This research seeks to understand how certain learning experiences are formed, based on an online decolonial critical literacy, using as an interpretive tool the posts and interactions on the Instagram page "Funkeiros Cults," with certain content that connects funk culture and literary stories. Some theoretical references from authors such as Cosson (2006), Miranda (2020), Dayrell (2002), Mizhari (2018), Balbino (2021), and Cavalcanti (2016) were used. It is a qualitative investigation (MACEDO, 2012) in digital networks, with an in-depth analysis of hermeneutically based content. The hermeneutic analysis categories, or foundational ideas, that enabled the analysis of the information were built during the research process (MACEDO, 2006). It is inferred that, based on all the subsumptive notions alluded to, some formative potentials are explicit, derived from all the interactions, as well as the interpretations built in each researched network space, experienced through all the interpretations of the memes presented in these locations. Thus, the great precision of multi-referencing the teaching of Literature is highlighted. The need to understand current learning/formation processes in a much deeper, playful, and expanded way is also emphasized.

Keywords: Decoloniality; Funk; Formation; Literacy; Meme.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O LETRAMENTO CRÍTICO DECOLONIAL	17
2.1 O LETRAMENTO LITERÁRIO	17
2.2 UM BREVE HISTÓRICO DO ENSINO DE LITERATURA NO BRASIL	18
2.3 DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DO ENSINO DE LITERATURA NO BRASIL	20
2.4 ESTRATÉGIAS PARA A PROMOÇÃO DO LETRAMENTO LITERÁRIO	22
2.5 A LITERATURA CRÍTICA E A FORMAÇÃO DO LEITOR	24
2.6 A EDUCAÇÃO DECOLONIAL E O <i>CORPO-TERRITÓRIO</i>	29
2.7 A BUSCA POR UM LETRAMENTO CRÍTICO DECOLONIAL	30
3 A PÁGINA DE INSTAGRAM “FUNKEIROS CULTS” E O FUNK	32
3.1 A REDE SOCIAL <i>INSTAGRAM</i>	32
3.2 O <i>FUNK</i> ALÉM DO GÊNERO MUSICAL	36
3.3 A PÁGINA DE INSTAGRAM “FUNKEIROS CULTS”	38
4 OS MEMES DA PÁGINA DE <i>INSTAGRAM</i> “FUNKEIROS CULTS”	46
4.1 O GÊNERO <i>MEME</i> NA SALA DE AULA	46
4.2 ANÁLISE DOS <i>MEMES</i> SELECIONADOS DA PÁGINA DE <i>INSTAGRAM</i> “ <i>FUNKEIROS CULTS</i> ”	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	81
GLOSSÁRIO	85

1 INTRODUÇÃO

O ensino da linguagem é a base da educação escolar, pois entendemos que é por meio das palavras que constituímos o mundo, ou seja, é pela linguagem que nos expressamos e nos comunicamos em sociedade. Entretanto, a docência da linguagem no Brasil historicamente apresenta resultados insatisfatórios, causados por processos de ensino-aprendizagem apartados da nossa realidade social. Com base em Antunes (2003) e Cosson (2006), é perceptível que o cenário educacional do ensino da Língua Portuguesa se baseia na gramática normativa e na prática da escrita ligada apenas à obrigação escolar, além de possuir a Literatura enquanto um componente curricular separado, de cunho meramente informativo, assim, não havendo uma relação pedagogicamente intencionada entre as áreas. Diante desse cenário, vê-se uma formação deficitária em termos de capacidade de comunicação com os diversos grupos sociais, bem como de sua competência leitora.

Portanto, entendemos que a educação literária brasileira contemporânea, assim como a educação em termos gerais, se encontra em crise por encontrar dificuldades em se relacionar com a sociedade na qual está inserida (MACEDO, 2020). Em razão disso, essa pesquisa buscou compreender um dos aspectos que compõem esse estado de crise, que é a falta de referências culturais que são causadas por um ensino da Literatura distante da juventude e academicamente eurocentrado. Nesses termos, esse fenômeno acarreta a falta de representatividade cultural e identitária dos jovens, fazendo com que esse grupo se distancie da Literatura e da leitura proposta por este componente curricular, criando uma concepção de que este é um conhecimento inacessível para pessoas que não tem essas narrativas no seu cotidiano social.

A partir do contexto levantado, a questão de pesquisa desta dissertação emerge: **em que medida a literatura crítica pode contribuir por meio do gênero *meme* da página do Instagram “*Funkeiros Cults*” como processo de letramento decolonial?**

Nosso objeto de pesquisa, portanto, é o conteúdo produzido pela página do Instagram “*Funkeiros Cults*” e em que medida seus *memes* podem contribuir para um processo de letramento decolonial.

Então, o objetivo geral é identificar em qual medida a literatura crítica pode contribuir por meio do gênero *meme* da página do Instagram “*Funkeiros Cults*” como processo de letramento decolonial.

Como objetivos específicos, temos analisar a literatura crítica no processo de

formação do leitor, discutir de maneira contextualizada o conceito de *corpo-território* e educação decolonial, apresentar a página do *Instagram* “*Funkeiros Cults*” e sua relevância para o processo de um letramento crítico decolonial e analisar os *memes* selecionados da página do

Instagram “*Funkeiros Cults*” e suas contribuições para um processo de letramento decolonial.

Para iniciar a tentativa de alcançar o objetivo principal, é necessário, como primeiro objetivo específico desta dissertação, analisar os avanços e desafios do ensino contemporâneo de Literatura nas escolas brasileiras a partir dos pressupostos de um letramento literário, segundo Rildo Cosson (2006). Ainda, segundo o autor:

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. [...]. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. (COSSON, 2006, p. 17)

A partir de tal pressuposto, compreende-se que a literatura é um fenômeno sócio-histórico que permite a construção do pensamento reflexivo, desenvolvendo uma consciência social. O autor também afirma que “a prática da literatura, [...], consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita” (p. 16). Por isso, essa pesquisa trabalhará com o letramento literário, porque visa explorar exatamente tais potencialidades.

Seguindo com as ideias de Cosson (2006), encontramos alguns exemplos de problemáticas que afetam o ensino da Literatura atual. A partir dos seus argumentos, entendemos que a escola básica enfrenta três situações comuns, que são: situações de arrogância, de indiferença e de desconhecimento. Respectivamente, a primeira situação acontece quando acreditam que a Literatura se trata de um saber desnecessário (assim como diversas outras áreas do conhecimento escolar), a segunda acontece quando os indivíduos têm conhecimento de que desconhecem a disciplina, mas não buscam saber mais, e a terceira emerge quando os indivíduos desejam muito estudar Literatura, mas, por conta de como o componente curricular é desenvolvido em sala de aula, se torna um conhecimento considerado inacessível, irrelevante e desconectado com a realidade estudantil.

Tendo isso em vista, essa pesquisa se desenvolverá com o foco no desconhecimento evidenciado nos argumentos acima. Uma das circunstâncias que faz com que o indivíduo

desconheça suas particularidades, é a falta de referências culturais pertinente às suas vivências do cotidiano. Nesses termos, é essa mesma falta que também torna a Literatura distante do alunado, fazendo-a se tornar um saber distante, no qual seu aprendizado está fora de seu alcance. Dentre os problemas que causam a falta de referência cultural aos alunos na educação literária está o fato desse ensino ser distante da cultura da juventude e eurocêntrico (COSSON, 2006).

O ensino eurocêntrico da Literatura tem como característica uma educação tradicional e hegemônica que foca apenas em uma matriz cultural, a europeia, tornando-a dominante em relação a outras possibilidades de culturas existentes em uma sala de aula. Então, esse tipo de educação traz problemas significativos à educação literária, como a exclusão de vozes e perspectivas diversas, a perpetuação de hierarquias culturais, a falta de representatividade de outras culturas e o reforço de estereótipos e preconceitos. Isso porque, segundo Freire (2023), “uma cultura tecida com a trama da dominação, por mais generosa que sejam os propósitos de seus educadores, é barreira cerrada às possibilidades educacionais dos que se situam nas subculturas dos proletários e marginais”. Um ensino da Literatura nessa perspectiva se afasta das culturas da juventude e tem como consequência um processo de desvalorização da educação formal.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (2017), a Educação Básica deve ser adequada às necessidades dos jovens e adultos e, para isso, os jovens necessitam se sentir incluídos no que aprendem. Para Cosson (2006), quando esse pressuposto não é contemplado, os alunos não percebem relevância no processo, construindo uma concepção de que esses saberes não tem utilidade em seus cotidianos, assim, perdendo significado para esses sujeitos. Além disso, é uma concepção de educação que tenta rejeitar as mudanças advindas da cultura digital, o que acaba por intensificar o desinteresse dos jovens pelos saberes escolares relacionados à leitura. Uma vez que temos um processo de ensino aprendizagem que busca os valores culturais significativos para esses jovens é possível sentir, segundo Cosson (2006), que “ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro” (p. 27). Assim, quando o ensino da Literatura se distancia da juventude, essa travessia se torna mais difícil.

A partir dos argumentos até aqui, é notória a necessidade de referências culturais próprias da juventude no ensino da Literatura. Para isso, essa pesquisa valorizará o letramento literário (COSSON, 2006) que, ao explorar as potencialidades da linguagem e da leitura de um aluno, é esperado que se tenha um discente mais consciente de si e do mundo em sua volta.

Visto que nós possuímos um “corpo linguagem”, que é constituído pelas palavras com que nos expressamos, e quanto mais usamos a língua, maior é o nosso “corpo linguagem” e, por extensão, maior é o nosso mundo.

Com o movimento proposto na pesquisa, é importante trazer à cena a concepção de educação decolonial. Nesse sentido, em busca de compreender o objetivo desta pesquisa em desenvolvimento, se faz relevante, discutir como o conceito de *corpo-território* (MIRANDA, 2020) é inserido neste contexto e como esse pode impactar os processos de letramento literário.

Segundo Miranda (2020), refletir sobre as potências do *corpo-território* do educador e o dos educandos é dar vazão à ética sinestésica do próprio ato de existir organicamente” (p. 56).

A partir dos dados divulgados do Censo Escolar do INEP (2021), 88,5% dos alunos do Ensino Médio das escolas públicas da Bahia são pretos e pardos. Esses dados ressaltam uma realidade que é de conhecimento geral: a maioria dos estudantes das escolas públicas da Bahia é constituído das etnias citadas anteriormente.

Dito isso, segundo Freire (1992), o ensino, além de tornar o conhecimento acessível, precisa preparar o aluno a “ler o mundo”, tendo como consequência disso a transformação da realidade do mesmo. Lendo o mundo, o aluno poderá romper com a “cultura do silêncio” (FREIRE, 2023) e ser um sujeito consciente de sua própria história. Para tal, a valorização da cultura do aluno é necessária.

Segundo Eduardo Miranda (2020), nesse interim, acreditamos que a educação pluricultural abarca as propostas necessárias para reaver os séculos de injustiças sociais alvejadas aos grupos oprimidos historicamente, tais como os indígenas e os afro-brasileiros. Opressão forjada por padrões morais e culturais pautados no referencial eurocêntrico de civilização.

Nesses termos, segundo Paulo Freire (1992) a leitura e a escrita das palavras, contudo, passa pela leitura do mundo. Ler o mundo é um ato anterior à leitura da palavra. O ensino da leitura e da escrita da palavra a que falte o exercício crítico da leitura e da releitura do mundo é, científica, política e pedagogicamente, capenga.

Logo, vale ressaltar que, se os estudantes dos cursos de licenciatura das Universidades públicas, sobretudo no caso dessa pesquisa, o estudante de Letras, é preparado para o ensino da escola pública, este deve vivenciar formações que explorem o trabalho pedagógico com a realidade da maioria de seus alunos, que integram grupos socialmente marginalizados, como negros, mulheres, LGBTQIAPN+, etc.

É função do educador, como estabelece a Lei de Diretrizes e Bases, preparar o aluno para o exercício da cidadania. No Título II, Dos Princípios e Fins da Educação Nacional, Art. 2º, encontra-se que “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (LDB, 2017, p. 10)

Através dessas enunciações, essa pesquisa tem como pretensão pensar caminhos para que se possa “reposicionar a perspectiva educacional para a autonomia, democracia e humanização” (MIRANDA, 2020, p. 53). Através disso, é relevante entender que “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 1996, p. 98).

Sabendo que o ensino da Literatura em geral segue uma perspectiva eurocentrada e que a maioria dos educandos da escola pública são negros e pardos, é de importância central para essa pesquisa perceber como a educação decolonial pode impactar o letramento literário. A partir da perspectiva de educação decolonial é possível evidenciar culturas afrodescendentes nos processos de ensino-aprendizagem, assim, diversificando as referências culturais em sala de aula, o que, conseqüentemente, potencializa a aproximação da cultura escolar da realidade cultural discente. Segundo Freire (2023), “a prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica” (p. 11).

É importante trazer essas referências culturais de forma atrativa ao *corpo-território* jovem do aluno, retratando e comprovando que a literatura não está distante nem inacessível a eles. Assim, chegamos ao último objetivo específico dessa pesquisa, refletir sobre as potencialidades do conjunto de *memes* selecionados da página de *Instagram* “*Funkeiros Cults*” como ferramentas para um letramento literário, em busca de uma educação decolonial (MIRANDA, 2020). Com ele, serão melhor desenvolvidas as reflexões sobre o objeto da pesquisa.

Dessa maneira, levando em consideração que essa pesquisa não almeja apenas discutir acerca do letramento literário decolonial, mas também sobre como o gênero *meme* pode ser um recurso para aproximar os jovens ao ensino literário, é importante lembrar que o digital e suas particularidades culturais fazem parte da vida dos jovens e é uma de suas principais formas de acesso à vida social, conforme o texto *Dependência de internet e habilidades sociais em adolescentes* de Lauren Bulcão Terroso *et al* (2016).

No cotidiano comunicativo da internet, algumas imagens, vídeos, *hashtags* e outros tipos de textos se espalham rapidamente, por meio de uma distribuição voluntária, sendo, muitas vezes, modificado, recriado ou parodiado nesta circulação. Dentre essas alterações, encontramos os chamados “*memes*”, aos quais esta pesquisa também se volta. Busca-se, assim, discutir a possível utilização do *meme* de internet como uma ferramenta de ensino da Literatura, buscando incentivar a leitura literária por meio de linguagens que se aproximem da realidade dos alunos, visando à transformação social dos jovens por meio de uma educação decolonial.

Por isso, essa dissertação almeja recorrer ao uso de um conjunto de *memes* selecionados da página de *Instagram* “*Funkeiros Cults*” como instrumento desse processo de letramento literário. Levando isso em consideração, é importante ressaltar que o objeto dessa pesquisa é o conjunto de *memes* que selecionamos da página de *Instagram* “*Funkeiros Cults*”. Uma vez que esses *memes*, em sua maioria, trazem como protagonista a figura do jovem enquanto *funkeiro* e leitor.

Atualmente já existem estudos sobre o uso do gênero *meme* para os processos de ensino-aprendizagem. Por exemplo, tem-se Alves Filha (2018, 2019) na área da linguagem e Sotero *et al* (2020) com estudos do uso dos *memes* na educação em tempos de pandemia. A maioria desses estudos são recentes, decorrentes do sucesso, também recente, do uso dos *memes* na internet. Entretanto, ao pesquisar sobre o assunto, percebe-se que a maioria são artigos e pesquisas recentes que buscam o aprofundamento sobre o uso dos *memes* na educação, porém, ainda são pouco discutidas. Vale destacar a falta de pesquisas relacionando esse fenômeno midiático digital ao ensino da Literatura, como essa pesquisa se propõe a fazer. Dessa maneira, evidencia-se o ineditismo e o vasto campo de pesquisa a se desenvolver acerca da temática proposta.

O gênero *meme* é popular nas redes sociais digitais desde o início do século XXI. O ambiente da cibercultura de hoje explora as mais diversas formas de *memes*, que estão sempre se atualizando e se refazendo diante dos movimentos que a sociedade realiza na contemporaneidade, o que aumenta a prevalência desse modo de se comunicar. Ele é utilizado, atualmente, como forma de representar o mundo. Todavia, o conceito de *meme* existe desde 1976 e foi criado, de acordo com Recuero (2009) por Richard Dawkins, em seu livro “O Gene Egoísta”, publicado em 1976. A partir de uma abordagem evolucionista, Dawkins compara a evolução cultural com a evolução genética, onde o *meme* é o “gene” da cultura, que se perpetua através de seus replicadores: as pessoas.

O *meme* de internet é um recurso eficiente para a educação, por ser diverso em

culturas e subjetividades. Segundo Oliveira (2017), na civilização em que vivemos, a “cultura das imagens” está muito presente, de modo que cada vez mais é aumentada a dimensão de uso da linguagem visual na chamada “civilização da imagem”. A força crescente desta civilização da imagem advém também da popularidade e influência que as redes sociais digitais vêm tomando e da necessidade de adaptação e de evolução que existe na sociedade, e não há como a escola se abster desse processo. O *meme* é utilizado, atualmente, como forma de representar o mundo.

Aqui, chegamos ao objeto desta pesquisa, os *memes* da página de *Instagram* “*Funkeiros Cults* Oficial”. É de interesse deste trabalho direcioná-los como recurso relevante para os processos de ensino-aprendizagem às séries finais do Ensino Fundamental II e ao Ensino Médio, pois o *funk* presente nesses *memes* é um estilo musical que faz parte da cultura da maioria dos jovens, principalmente da escola pública, permitindo, portanto, a construção do conhecimento relevante para o estudante na medida que ele se reconhece e se interessa em um conteúdo pertinente à sua vivência.

Podemos ver proposições sobre isso em Dayrell (2002), quando comenta que os jovens *rappers* e *funkeiros* estão situados no limiar da precariedade, trabalhando cedo em ocupações típicas de adolescentes pobres, como lavar carros, sendo esses jovens estudantes de escola pública ou evadidos.

Segundo Balbino (2021), esse estilo musical nasceu das periferias, de onde a maioria dos jovens da escola pública vêm, e hoje em dia não é só um estilo musical, mas um estilo de vida e de identidade visual. Por isso, um *meme* cujo protagonista é um jovem *funkeiro*, ou seja, que tem como identidade visual e cultural o *funk*, é relevante ao letramento literário. Visto que, a presença do *funk* promove a referência cultural necessária ao interesse desses jovens pelo letramento literário, por ser ele, o *funk*, uma das diversas culturas afrodescendentes do Brasil.

Além disso, nos *memes* selecionados como objeto desse trabalho, se encontra uma relação dos jovens com a literatura e a leitura. Dessa página de *Instagram*, também é relevante os *memes* em que o jovem protagonista está sempre ligado à leitura, seja com imagens demonstrando o jovem lendo um cânone literário mundial ao lado de frases irônicas remetendo à ideia principal da obra, seja com *memes* que tragam assuntos relacionadas à arte e à leitura, buscando discussões sobre a importância delas na vida desses jovens. E, nesses *memes*, sempre é utilizado uma linguagem próxima aos jovens ao usar gírias, principalmente as que vêm do estilo de vida do *funk*.

A partir dos *memes* selecionados da página “*Funkeiros Cults*”, é possível ver como

os *funkeiros*, um estilo de vida e de identidade visual com base no ritmo musical *funk*, podem possuir intelectualidade em suas leituras. Ao usar tais elementos para a formação leitora do aluno, durante o letramento literário (COSSON, 2006) acrescido de uma educação decolonial (MIRANDA, 2020), nasce uma possibilidade de realização do objetivo geral da presente nessa pesquisa.

É nos anos escolares citados que, por conta da faixa etária usual, os jovens têm mais consciência da formação de suas identidades. Nesse sentido, fatores culturais estão diretamente ligados à formação de identidade, conforme apontam Schoen-Ferreira *et al* (2003, p.107) ao dizer que “a formação da identidade recebe a influência de fatores intrapessoais [...], de fatores interpessoais [...] e de fatores culturais”. Por isso, ressaltamos este momento escolar como importante recorte para a pesquisa.

De acordo com os mesmos autores, fatores culturais estão diretamente ligados à formação de identidade dos jovens. Essa pesquisa visa a compreender os *memes* da página do *Instagram* “*Funkeiros Cults*” enquanto objeto de pesquisa e potencial recurso para processos de letramento em uma perspectiva decolonial, porque o *funk* é um estilo de vida, uma cultura, como demonstra Jéssica Balbino (2021) em seu artigo *A cultura do funk: criticado e criminalizado, gênero tornou-se maior movimento da juventude periférica brasileira*. Observa-se, assim, que ele faz parte da cultura de grande parte dos jovens, principalmente os de instituições públicas de ensino.

Usaremos como metodologia uma pesquisa de base qualitativa para, assim, selecionar elementos que sejam capazes de compreender a questão proposta nesta pesquisa. A pesquisa se fundamentará a partir de materiais já publicados que discutem as bases teóricas que dão suporte a pesquisa, como livros, artigos, e outras produções que sejam consideradas relevantes.

Esse trabalho se vale do arcabouço teórico encontrado em *Letramento literário: teoria e prática*, de Rildo Cosson (2006), como base para desenvolver o letramento literário buscado pela pesquisa. Os estudos sobre educação decolonial tomam como base o livro *Corpo-território e Educação Decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência*, de Eduardo Miranda (2020).

Para estudar o objeto, as principais bases teóricas são os pressupostos de Raquel Recuero (2009) sobre o gênero *meme* e de Juarez Dayrell (2002) sobre a relação da juventude com o *funk*. Logo, através de uma metodologia que busca procedimentos de pesquisa experimental, bibliográfica e documental.

No primeiro capítulo, serão analisadas as vantagens e desafios gerais do ensino

contemporâneo de Literatura nas escolas brasileiras, a partir dos pressupostos de um letramento crítico decolonial. Assim, esse capítulo discorrerá sobre a importância e o histórico do ensino da Literatura no Brasil, e a problemática desse ensino, como a distância da juventude e o eurocentrismo, a partir de Cosson (2006).

No segundo capítulo, será discutido como a página do Instagram “*Funkeiros Cults*” alcançou o patamar de referência acerca de uma das culturas mais populares do país e como esse debate pode impactar no letramento crítico decolonial.

Finalmente, no terceiro e último capítulo, será apresentada a análise das informações obtidas através das postagens e interações realizadas no “*Funkeiros Cults*”. Nele, o nosso estudo se reflete sobre as potencialidades do *corpus* como recurso para um letramento crítico, em busca de uma educação decolonial, também trazendo proposições da relação dos jovens com a internet e o *funk*, e ideias da cultura do *funk*.

2 O LETRAMENTO CRÍTICO DECOLONIAL

O ensino da Literatura nas escolas brasileiras tem sido tema de inúmeros debates acadêmicos e pedagógicos, principalmente no que diz respeito à sua função na formação de leitores críticos e reflexivos. O letramento literário emerge como uma proposta importante para entender como o ensino da Literatura pode contribuir para o desenvolvimento dessas habilidades. Este texto busca analisar o panorama do ensino da Literatura no Brasil, destacando os principais desafios enfrentados e as estratégias pedagógicas que podem ser empregadas para promover o letramento literário entre os estudantes.

2.1 O LETRAMENTO LITERÁRIO

O conceito de letramento literário é multifacetado e envolve mais do que a mera capacidade de ler e interpretar textos literários. Trata-se de um processo que engloba a inserção do leitor em práticas culturais, sociais e discursivas ligadas ao texto literário. Segundo Rildo Cosson (2006), o letramento literário é uma prática social que visa à formação de leitores capazes de dialogar criticamente com os textos literários, compreendendo suas múltiplas camadas de significação e as diversas intenções presentes na obra. Para Cosson, o letramento literário não se resume à aquisição de habilidades técnicas, mas envolve a experiência estética e a construção de sentido a partir da leitura.

No contexto educacional, os estudos de Magda Soares (2003) também são fundamentais para entender o letramento literário. Soares distingue entre alfabetização e letramento, destacando que este último se refere à prática social de uso da leitura e escrita em diferentes contextos. Aplicado à Literatura, o letramento literário inclui o contato regular e sistemático com obras literárias, além da interpretação crítica e da capacidade de refletir sobre as questões levantadas pelos textos.

Outra contribuição relevante é a de Teresa Colomer (2003), que argumenta que o letramento literário deve ser visto como um processo de construção de sentidos que ocorre de maneira progressiva e contextualizada. Para Colomer, a escola tem o papel de introduzir os estudantes nas convenções do discurso literário, familiarizando-os com os gêneros, estilos e tradições literárias, ao mesmo tempo que promove a reflexão crítica sobre os temas abordados nas obras. Esse processo é mediado pelo professor, que atua como um facilitador, auxiliando os alunos a compreenderem as peculiaridades do texto literário e a desenvolverem suas

habilidades interpretativas.

O conceito de letramento literário também é ampliado por Chartier (1994), que enfatiza a importância da apropriação cultural e social do texto. Para Chartier, a leitura literária é uma prática social que envolve diferentes formas de interação com o texto, incluindo a leitura em voz alta, a discussão coletiva e a interpretação crítica. Nesse sentido, o letramento literário é visto como um processo dinâmico e multifacetado, que vai além da leitura individual e inclui o compartilhamento de experiências e interpretações.

Além disso, estudos de Bakhtin (1981) sobre a dialogicidade do texto literário também são importantes para a compreensão do letramento literário. Bakhtin argumenta que todo texto é um ponto de encontro de múltiplas vozes, cada uma carregando diferentes perspectivas e valores sociais. Essa visão dialógica do texto literário sugere que o letramento literário envolve a capacidade de reconhecer e dialogar com essas diferentes vozes, compreendendo a complexidade das relações de sentido estabelecidas na obra.

Esses teóricos, entre outros, contribuem para a construção de uma compreensão do letramento literário como uma prática complexa, que envolve não apenas a decodificação e interpretação do texto, mas também a capacidade de inserção crítica no universo literário e a interação com diferentes contextos culturais e sociais. O desafio para a educação, portanto, é criar condições para que os estudantes possam desenvolver essas habilidades de maneira significativa e contextualizada, integrando o ensino da Literatura à formação de leitores capazes de participar ativamente na construção do conhecimento literário.

2.2 UM BREVE HISTÓRICO DO ENSINO DE LITERATURA NO BRASIL

O ensino da Literatura no Brasil é marcado por uma trajetória que reflete as transformações sociais, políticas e culturais do país, evidenciando o papel da literatura na formação das identidades e na construção do pensamento crítico. Para entender essa evolução, é essencial considerar as diferentes fases pelas quais passou o ensino de Literatura, desde o período colonial até os dias atuais.

Durante o período colonial e imperial, o ensino de Literatura no Brasil estava fortemente vinculado às tradições europeias, principalmente à literatura portuguesa. Segundo a análise de Afrânio Coutinho (1976), o ensino de Literatura nas escolas era praticamente inexistente, sendo restrito às elites intelectuais que tinham acesso a instituições educacionais voltadas para a formação clerical e jurídica. As obras estudadas eram majoritariamente de autores europeus, e a literatura brasileira ainda não havia se consolidado como uma disciplina

autônoma.

A situação começou a mudar com a Independência do Brasil em 1822 e, mais significativamente, com a ascensão do Romantismo, que trouxe consigo a valorização da cultura nacional e a busca por uma identidade literária própria. Segundo José Aderaldo Castello (1989), o Romantismo desempenhou um papel fundamental na incorporação da Literatura Brasileira no currículo escolar, ainda que de forma incipiente e limitada às elites. Nesse período, a literatura passou a ser vista como um meio de construção da identidade nacional e da cidadania, mas o ensino ainda era orientado pela memorização de obras e pela exaltação de heróis nacionais.

A Proclamação da República em 1889 trouxe novas mudanças para o sistema educacional brasileiro, incluindo uma maior ênfase na educação pública e laica. No entanto, o ensino de Literatura permaneceu centrado na história literária, com ênfase nas obras consideradas canônicas. Alfredo Bosi (1977) observa que essa abordagem formalista, predominante no século XX, priorizava a cronologia e a biografia dos autores, em detrimento da experiência estética e do desenvolvimento do gosto pela leitura.

A modernização do ensino da Literatura no Brasil começou a ganhar força com o Movimento Modernista de 1922, que trouxe novas perspectivas sobre a Literatura e sua função social. De acordo com Antonio Candido (1995), o Modernismo contribuiu para a renovação das práticas pedagógicas, promovendo uma visão mais crítica e reflexiva da Literatura. No entanto, foi somente a partir da década de 1970, com a expansão da educação básica e a crescente demanda por uma escola mais inclusiva, que o ensino da Literatura começou a ser repensado em termos de suas finalidades educativas.

O estudo de Marisa Lajolo (1994) destaca que, a partir desse período, o ensino de Literatura passou a incluir discussões sobre a função social da literatura, o papel do leitor e a diversidade de gêneros e vozes literárias. Lajolo observa que essa mudança foi influenciada pelo desenvolvimento das teorias da recepção e pelo reconhecimento da importância de formar leitores críticos, capazes de dialogar com o texto literário a partir de suas próprias experiências e contextos sociais.

Nos últimos anos, os Parâmetros Curriculares Nacionais, as Diretrizes Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), implementadas no Brasil, têm enfatizado a importância de um ensino de Literatura que promova o letramento literário, valorizando a leitura crítica e a interpretação dos textos literários em sala de aula. Segundo Kleiman (2008), essas políticas educacionais buscam aproximar o ensino da Literatura das práticas sociais dos estudantes, promovendo a leitura de obras diversificadas e incentivando a

produção de sentidos a partir da interação com os textos.

Ainda assim, o ensino da Literatura no Brasil enfrenta desafios significativos. A formação de professores, as condições de trabalho nas escolas públicas e a falta de recursos didáticos específicos para o ensino literário são obstáculos que precisam ser superados. As escolas, muitas vezes, ainda adotam uma abordagem tradicional, que pode desmotivar os alunos e afastá-los da experiência literária, como apontam os estudos de Regina Zilberman (2003).

Portanto, o histórico do ensino da Literatura no Brasil revela uma trajetória marcada por avanços e retrocessos, refletindo as tensões entre tradição e inovação, identidade nacional e influências externas, elitismo e democratização. Compreender essa história é essencial para repensar as práticas pedagógicas e promover um ensino de Literatura que seja relevante e significativo para os estudantes brasileiros.

2.3 DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DO ENSINO DE LITERATURA NO BRASIL

O ensino da Literatura no Brasil, apesar de seus avanços ao longo dos anos, ainda enfrenta uma série de desafios que afetam diretamente a formação de leitores críticos e reflexivos. Estes desafios estão relacionados tanto a questões estruturais e pedagógicas quanto às mudanças culturais e tecnológicas que têm alterado profundamente a relação dos estudantes com a leitura e a Literatura.

Um dos principais desafios é a necessidade de adaptação do ensino de Literatura à diversidade cultural e social presente nas salas de aula brasileiras. Conforme apontado por Regina Zilberman (2003), a escola brasileira é marcada por uma enorme heterogeneidade, com estudantes de diferentes origens sociais, culturais e econômicas. Essa diversidade exige que o ensino de Literatura seja capaz de dialogar com as múltiplas realidades dos alunos, reconhecendo e valorizando suas experiências e conhecimentos prévios. No entanto, o currículo escolar ainda tende a priorizar uma seleção limitada de obras, muitas vezes alheias ao universo dos estudantes, o que pode gerar distanciamento e desinteresse.

Nesse contexto, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), implementada nos últimos anos, tem buscado enfrentar esse desafio ao propor uma abordagem mais inclusiva e diversificada para o ensino de Literatura. Segundo o estudo de Teresa Colomer (2003), a valorização de uma literatura plural, que inclui vozes de diferentes gêneros, etnias e regiões, é fundamental para que os estudantes se vejam representados nos textos e se sintam motivados a participar ativamente do processo de leitura.

Outro desafio significativo é o impacto das novas tecnologias na leitura literária. A era digital tem transformado radicalmente as práticas de leitura, com os jovens cada vez mais expostos a uma variedade de mídias e formatos, como vídeos, jogos eletrônicos e redes sociais, que competem diretamente com a literatura tradicional. Roger Chartier (1994) destaca que a leitura digital, caracterizada por sua rapidez e fragmentação, pode dificultar a imersão profunda e a reflexão crítica que a leitura literária exige. Nesse sentido, o desafio para os educadores é encontrar maneiras de integrar as novas tecnologias ao ensino de Literatura, utilizando-as como ferramentas para enriquecer a experiência de leitura, sem perder de vista a profundidade e a complexidade do texto literário.

A formação de professores de Literatura também é um aspecto crítico. Conforme aponta Marisa Lajolo (1994), muitos professores ainda carecem de uma formação específica que os capacite a trabalhar o processo de letramento literário de maneira significativa. A formação inicial e continuada dos docentes nem sempre inclui conteúdos e metodologias voltadas para o ensino da Literatura, o que pode resultar em práticas pedagógicas pouco inspiradoras ou inadequadas. Segundo Marcos Bagno (2002), para que o ensino de Literatura seja realmente transformador, é necessário que os professores tenham uma sólida formação literária, bem como acesso a metodologias inovadoras que valorizem a leitura crítica e a interpretação dos textos.

Outro desafio é a resistência a práticas pedagógicas mais interativas e participativas. A tradição escolar muitas vezes mantém uma abordagem centrada na análise formal e na memorização de conteúdos históricos sobre a Literatura, o que pode afastar os alunos da experiência estética e reflexiva que a leitura literária oferece. O estudo de Ezequiel Theodoro da Silva (2005) sugere que o ensino de Literatura deve ser reorientado para práticas que coloquem o estudante como protagonista do processo de leitura, incentivando-o a construir significados a partir de suas próprias vivências e interpretações.

Ademais, as condições de infraestrutura das escolas públicas brasileiras também representam um desafio para o ensino de Literatura. Muitas escolas carecem de bibliotecas adequadas, acervo atualizado e acesso a recursos tecnológicos que possam apoiar o processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa de Mortatti (2000) mostra que a ausência de ambientes de leitura adequados impacta diretamente na formação do hábito de leitura e na qualidade do letramento literário. A falta de livros acessíveis e de espaços que incentivem a leitura afeta principalmente os alunos de classes sociais menos favorecidas, que dependem da escola como principal fonte de acesso à cultura literária.

Por fim, o desafio de estimular o gosto pela leitura em um contexto onde o hábito de leitura é frequentemente desvalorizado é uma constante no ensino de Literatura. A leitura literária, segundo Antonio Candido (1995), deve ser uma prática que se desenvolve ao longo da vida, começando na escola, mas estendendo-se para além dela. No entanto, criar esse hábito requer não apenas estratégias pedagógicas eficazes, mas também uma cultura escolar que valorize a literatura e o prazer de ler.

Esses desafios, embora significativos, também representam oportunidades para repensar e inovar o ensino de Literatura no Brasil. O caminho para superar essas barreiras passa por uma abordagem que combine formação docente qualificada, currículos diversificados e inclusivos, uso inteligente das tecnologias e melhorias nas condições estruturais das escolas. Somente assim será possível promover um letramento literário eficaz, que forme leitores críticos, reflexivos e capazes de dialogar com a riqueza e a diversidade da literatura.

2.4 ESTRATÉGIAS PARA A PROMOÇÃO DO LETRAMENTO LITERÁRIO

O papel do professor no ensino da Literatura é crucial para o desenvolvimento do letramento literário, uma vez que ele atua como mediador entre o texto e o aluno, facilitando a construção de significados e promovendo o engajamento dos estudantes com a leitura literária. Contudo, desempenhar esse papel de maneira eficaz exige do professor não apenas uma sólida formação acadêmica, mas também sensibilidade pedagógica e a capacidade de adaptar suas práticas às necessidades e interesses dos alunos.

Um dos principais desafios enfrentados pelos professores de Literatura é a necessidade de promover o letramento literário em um contexto educacional que muitas vezes privilegia a reprodução de informações em detrimento da reflexão crítica e da experiência estética. De acordo com Alfredo Bosi (1977), o ensino tradicional de Literatura no Brasil tem sido marcado por uma abordagem historicista, que prioriza a memorização de dados biográficos e a contextualização histórica das obras, deixando em segundo plano a interpretação e a vivência do texto literário. Essa abordagem pode resultar em uma experiência de leitura desmotivadora para os alunos, que não conseguem estabelecer uma conexão significativa com as obras estudadas.

Para enfrentar esse desafio, é fundamental que o professor adote uma postura ativa e reflexiva, buscando estratégias pedagógicas que tornem a leitura literária mais envolvente e significativa. Antonio Candido (1995) argumenta que o professor deve atuar como um

facilitador, ajudando os alunos a explorar as múltiplas camadas de sentido presentes no texto literário e a relacioná-las com suas próprias experiências de vida. Isso envolve, por exemplo, a realização de atividades que incentivem a leitura crítica e a interpretação pessoal, como debates, oficinas de criação literária, e discussões intertextuais que conectem a literatura com outras formas de expressão artística.

Além disso, o professor deve estar atento à diversidade cultural e social presente na sala de aula, reconhecendo que os alunos trazem consigo diferentes repertórios de leitura e experiências culturais que podem enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. Conforme destaca Regina Zilberman (2003), um dos papéis fundamentais do professor é promover a inclusão de obras literárias que reflitam essa diversidade, garantindo que todos os estudantes possam se ver representados nos textos e que suas vozes sejam ouvidas e valorizadas. A escolha de obras que dialoguem com as realidades e os interesses dos alunos é essencial para fomentar o engajamento e o desenvolvimento do letramento literário.

A formação continuada do professor de Literatura também é um fator determinante para o sucesso do ensino literário. Segundo Paulo Freire (1996), o professor deve ser um eterno aprendiz, sempre disposto a questionar suas práticas pedagógicas e a buscar novos conhecimentos e metodologias. No caso do ensino de Literatura, isso significa estar atualizado em relação às teorias literárias contemporâneas, às novas tecnologias de ensino e às práticas de leitura emergentes, para que possa oferecer aos alunos uma educação literária relevante e conectada com o mundo atual.

A pesquisa de Marisa Lajolo (1994) sugere que o professor de Literatura precisa desenvolver uma visão crítica sobre os textos que ensina e sobre o próprio ato de ensinar. Isso implica uma reflexão constante sobre as finalidades do ensino de Literatura e sobre os impactos que esse ensino pode ter na formação dos alunos. Lajolo argumenta que o professor deve ser capaz de estimular nos estudantes não apenas o prazer pela leitura, mas também a capacidade de questionar e problematizar os textos literários, entendendo-os como produtos culturais que refletem e influenciam as relações sociais e históricas.

Outro aspecto importante do papel do professor é a criação de um ambiente de sala de aula que favoreça a experiência literária. Segundo Mortatti (2000), a leitura literária exige um espaço que permita a concentração, a reflexão e o diálogo. O professor deve, portanto, organizar atividades que incentivem a troca de ideias e a cooperação entre os alunos, promovendo um ambiente de aprendizagem que valorize a escuta ativa e o respeito pelas diferentes interpretações.

Ademais, o professor deve estar preparado para lidar com as resistências que podem

surgir por parte dos alunos em relação à leitura literária, especialmente em um contexto em que outras formas de entretenimento e comunicação, como as mídias digitais, são mais atrativas. Kleiman (2008) sugere que o uso de tecnologias digitais no ensino de Literatura pode ser uma estratégia eficaz para contornar essa resistência, desde que essas ferramentas sejam utilizadas de maneira a complementar e enriquecer a leitura literária, e não para substituí-la. Por exemplo, o uso de blogs, fóruns de discussão online e aplicativos de leitura pode oferecer novas formas de interação com o texto literário, estimulando o interesse dos alunos e ampliando as possibilidades de interpretação.

Nesses termos, o professor de Literatura deve ser um modelo de leitor para seus alunos. Conforme Ezequiel Theodoro da Silva (2005), o exemplo do professor como leitor apaixonado e crítico pode ser uma poderosa influência na formação do hábito de leitura entre os estudantes. O entusiasmo e o compromisso do professor com a literatura são fundamentais para inspirar nos alunos o desejo de ler e para mostrar-lhes que a leitura literária é uma fonte inesgotável de prazer, conhecimento e reflexão.

Em suma, o papel do professor no ensino de Literatura e no desenvolvimento do letramento literário é multifacetado e exige uma combinação de conhecimento acadêmico, sensibilidade pedagógica e compromisso com a formação crítica dos estudantes. Ao adotar práticas de ensino inovadoras, inclusivas e reflexivas, o professor pode contribuir significativamente para a formação de leitores capazes de dialogar com a literatura de maneira profunda e significativa, preparando-os para participar ativamente das práticas culturais e sociais do mundo contemporâneo.

O ensino da Literatura nas escolas brasileiras precisa ser revisitado à luz do conceito de letramento literário, com o objetivo de formar leitores críticos e autônomos. Para isso, é necessário que as práticas pedagógicas sejam repensadas, considerando as especificidades dos estudantes e as demandas do mundo contemporâneo. A promoção do letramento literário requer, portanto, uma abordagem integrada e contextualizada, que valorize a experiência do estudante e o envolva ativamente no processo de leitura.

2.5 A LITERATURA CRÍTICA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

O letramento crítico se revela como uma esfera fundamental na construção do conhecimento e na formação integral das crianças, estendendo-se para além dos limites tradicionais da alfabetização. Enquanto a alfabetização proporciona às crianças as habilidades básicas de leitura e escrita, o letramento crítico expande essas capacidades para uma

compreensão mais profunda e reflexiva da linguagem literária. Este conceito, intrinsecamente ligado à experiência cultural, não apenas equipa os jovens com as ferramentas necessárias para decifrar textos, mas também os capacita a explorar, questionar e apreciar as nuances e expressões artísticas presentes na literatura.

Ao enxergar o letramento crítico como uma jornada intelectual e emocional, reconhecemos que ele vai além da mera aquisição de habilidades técnicas. Ele se torna um processo dinâmico que não apenas introduz as crianças ao mundo vasto e diversificado da Literatura, mas também as incentiva a mergulhar em narrativas que ampliem suas perspectivas, estimulem a imaginação e promovam o pensamento crítico.

O ato de ler, no contexto do letramento crítico, é encarado como uma experiência social e cultural. As interações entre leitores, a troca de ideias e a construção de comunidades leitoras emergem como componentes fundamentais desse processo. Esta pesquisa propõe uma reflexão aprofundada sobre como o letramento crítico pode ser cultivado e nutrido em ambientes educacionais, reconhecendo sua potencialidade não apenas como uma habilidade isolada, mas como uma ferramenta transformadora que acrescente na maneira como as crianças entendem e se relacionam com o mundo ao seu redor.

Neste sentido, exploraremos não apenas a definição abrangente do letramento crítico, mas também sua aplicação prática na educação, considerando a importância de integrar clássicos literários, promover a diversidade de gêneros e manifestações literárias, e criar atividades que inspirem a participação ativa dos alunos. Assim, desencadeando uma discussão profunda sobre a relevância do letramento crítico na formação integral das crianças, enfatizando seu papel vital na construção de uma sociedade mais literata, crítica e culturalmente rica.

O letramento crítico, enquanto conceito, transcende a aquisição de habilidades de leitura e escrita, assumindo uma dimensão mais ampla e profunda. Ele se destaca como a habilidade não apenas de decodificar palavras, mas de compreender e interpretar criticamente a linguagem literária. Em sua essência, o letramento crítico se apresenta como uma ferramenta que não só desvela as camadas de significado presentes nos textos, mas também instiga uma apreciação mais rica e reflexiva das diversas formas de expressão literária.

Ao incorporar o letramento crítico no processo educacional, reconhecemos que a leitura é um portal para explorar universos imaginativos e reflexivos. A capacidade de interpretar textos literários abrange a habilidade de identificar nuances de significado, analisar contextos culturais e compreender as sutilezas da construção narrativa. Assim, o letramento crítico se consolida como uma competência essencial para a formação de indivíduos capazes

de participar ativamente na sociedade, contribuindo para a construção de uma consciência crítica e culturalmente informada.

Além disso, ao entender o letramento crítico como uma perspectiva mais abrangente, reconhecemos que ele não se restringe apenas à sala de aula. Ele se estende para além das paredes escolares, integrando-se ao cotidiano das crianças e influenciando a forma como elas percebem o mundo ao seu redor. O letramento crítico não é apenas uma habilidade isolada, mas uma lente através da qual as experiências são filtradas, enriquecendo a compreensão individual e coletiva.

Portanto, ao trazer o letramento crítico para o cerne da educação, estamos não apenas desenvolvendo leitores proficientes, mas cultivando mentes críticas, criativas e culturalmente sensíveis. Este enfoque mais amplo do letramento crítico não apenas aprimora as habilidades linguísticas das crianças, mas também as capacita a se tornarem participantes ativos na construção e interpretação do vasto e complexo mosaico literário que compõe nossa sociedade. Portanto, o entendimento abrangente do letramento crítico abre portas para uma educação mais diversa, moldando indivíduos que apreciam e contribuem para a riqueza cultural e literária de seu entorno.

O letramento crítico, quando contextualizado como um processo social e cultural, revela-se como uma experiência enriquecedora que vai além da esfera individual. Ao reconhecer a leitura como um fenômeno compartilhado, construímos pontes que conectam os leitores em uma comunidade dinâmica de aprendizado. A interação entre leitores, a troca de ideias e a construção coletiva de significados emergem como elementos cruciais no desenvolvimento do letramento crítico.

Nessa perspectiva, a sala de aula se transforma em um espaço de diálogo, onde as experiências literárias são compartilhadas e discutidas. A construção de comunidades leitoras não apenas promove a socialização do conhecimento, mas também amplifica a compreensão das obras literárias. Os alunos, ao participarem ativamente desse processo, não apenas absorvem informações, mas contribuem para a construção de significados, enriquecendo assim a experiência de leitura.

Para consolidar essa perspectiva, Antunes (2003) nos ajuda a perceber uma abordagem comunicativa e contextualizada, na qual a interação e a produção de sentido desempenham um papel central para a construção de conhecimentos. Para isso, os educadores têm de estar abertos a abordagens inovadoras e dinâmicas, adaptando suas estratégias de ensino às necessidades e interesses específicos de seus alunos, criando comunidades engajadas nos processos de ensino-aprendizagem. Essa postura se desenvolve, sobretudo, em processos

de formação continuada pertinentes à prática pedagógica dos professores.

A comunidade de leitores se torna, então, um ambiente propício para a expressão de diferentes perspectivas, valores e interpretações. Essa diversidade de vozes reflete a riqueza intrínseca à Literatura, permitindo que as crianças explorem não apenas o conteúdo textual, mas também as nuances culturais e sociais presentes nas narrativas. A leitura, nesse contexto, transcende a decodificação de palavras e transforma-se em uma atividade colaborativa, onde cada voz contribui para a construção de um entendimento coletivo.

Além disso, ao compreender a leitura como um processo social e cultural, os educadores têm a oportunidade de criar ambientes inclusivos que respeitam as diversas origens e experiências dos alunos. Essa abordagem colaborativa não apenas fortalece os laços entre os estudantes, mas também prepara o terreno para a construção de uma consciência literária mais ampla e interconectada.

Portanto, ao integrar a dimensão social e cultural no letramento crítico, formamos leitores proficientes e cidadãos conscientes, capazes de participar ativamente de diálogos literários que transcendem as páginas dos livros e se entrelaçam com as complexidades da sociedade e da cultura.

A amplitude do letramento crítico se revela de maneira vibrante quando nos dedicamos a explorar uma rica diversidade de gêneros e manifestações literárias. Esse ponto do desenvolvimento destaca a importância de expandir o repertório literário das crianças, proporcionando-lhes acesso a uma variedade de formas de expressão que vão além dos limites dos textos convencionais.

Ao introduzir os alunos a diversos gêneros literários, desde os clássicos até expressões contemporâneas como poesia, contos orais, teatro e literatura digital, os educadores abrem portas para um mundo de possibilidades literárias. Essa abordagem não apenas enriquece a experiência de leitura, mas também promove uma compreensão mais ampla das diversas formas de narrativa presentes em diferentes contextos culturais.

A diversidade literária não apenas amplia os horizontes dos alunos, mas também os incentiva a explorar suas próprias preferências e identidades literárias. A possibilidade de mergulhar em gêneros diversos proporciona uma compreensão mais completa das nuances da expressão literária, permitindo que as crianças desenvolvam preferências informadas e um apreço pela multiplicidade de vozes que compõem o panorama literário global.

Além disso, a exploração de manifestações literárias que vão além dos livros tradicionais contribui para uma aprendizagem mais holística. Integrar formas não convencionais de literatura, como narrativas visuais, performance oral e mídia digital,

possibilita que os alunos percebam a literatura como uma entidade dinâmica, em constante evolução, e que transcende as fronteiras tradicionais.

Os educadores, ao adotarem essa abordagem, desempenham um papel essencial na construção de uma base literária diversificada e inclusiva. Ao apresentar aos alunos a riqueza de possibilidades literárias, os educadores contribuem para a formação de leitores versáteis, capazes de apreciar e compreender a complexidade e a variedade presentes no universo literário. Em resumo, ao explorar diversos gêneros e manifestações literárias, o letramento crítico se torna uma jornada enriquecedora, potencializando os alunos a se tornarem leitores críticos e culturalmente conscientes em um mundo literário em constante transformação.

A promoção de atividades lúdicas e reflexivas emerge como um pilar essencial para o desenvolvimento do letramento crítico, transcende a mera decodificação de palavras e se expande para a esfera da compreensão crítica e criativa da linguagem literária. Essas atividades estruturadas e contínuas não apenas fortalecem as habilidades de leitura, mas também cultivam a competência literária de forma integral.

Ao incorporar elementos lúdicos no processo de letramento crítico, os educadores proporcionam um ambiente estimulante que instiga a imaginação e o prazer pela leitura. Jogos, dramatizações e outras atividades interativas não apenas tornam a aprendizagem mais envolvente, mas também oferecem oportunidades para os alunos explorarem os elementos literários de maneira prática. Essa abordagem lúdica não apenas cativa a atenção das crianças, mas também permite que elas internalizem conceitos literários de maneira mais eficaz.

Além disso, as atividades reflexivas desempenham um papel fundamental no desenvolvimento do letramento crítico ao incentivar a análise crítica e a expressão de ideias. Discussões em grupo, análise de texto e reflexões escritas oferecem aos alunos a oportunidade de articular suas interpretações, questionamentos e conexões pessoais com a literatura. Essa prática reflexiva não apenas aprimora a compreensão individual, mas também enriquece a experiência coletiva de aprendizagem.

A continuidade dessas atividades ao longo do processo educacional é crucial para o desenvolvimento da competência literária. Criar uma sequência de atividades estruturadas que se baseiem umas nas outras permite que os alunos aprofundem sua compreensão progressivamente. A repetição e a progressão gradual garantem que o letramento crítico não seja uma habilidade isolada, mas uma jornada constante de aprimoramento.

Por meio dessas atividades, os educadores não apenas desenvolvem habilidades de leitura, mas também promovem a autonomia intelectual dos alunos, encorajando-os a explorar o universo literário de maneira independente. Ao fomentar a curiosidade, a reflexão e a

expressão criativa, as atividades lúdicas e reflexivas contribuem para a formação de leitores autônomos e críticos.

Em síntese, ao promover atividades lúdicas e reflexivas no contexto do letramento crítico, os educadores não apenas facilitam a assimilação de conceitos literários, mas também nutrem uma implicação pela leitura e pela expressão literária, consolidando assim a competência literária como um elemento vital nos processos de formação. O letramento crítico, ao transcender os limites da leitura convencional, revela-se como uma ferramenta poderosa na formação integral das crianças. Compreender e incorporar o letramento crítico no ambiente educacional significa proporcionar uma base sólida para o desenvolvimento de leitores críticos, culturalmente conscientes e capazes de explorar as vastas possibilidades da expressão literária. Esta pesquisa busca inspirar reflexões e práticas que elevem o letramento crítico a um papel central na educação contemporânea, contribuindo assim para a formação de indivíduos culturalmente competentes e engajados com a diversidade literária.

2.6 A EDUCAÇÃO DECOLONIAL E O *CORPO-TERRITÓRIO*

Com o objetivo de aprofundar o *corpus* teórico desta pesquisa, trazemos as reflexões de Eduardo Miranda em sua obra "Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência" (2020). Miranda destaca a natureza viva do corpo-território, descrevendo-o como um texto que sente, se relaciona e se transforma em sua interação com o mundo. Esse conceito sugere que o corpo é mais do que uma entidade física; é um território onde se inscrevem experiências, emoções e saberes, e que constantemente se reconfigura a partir das vivências e cosmopercepções que o atravessam.

A perspectiva de Miranda se alinha ao pensamento de Aníbal Quijano (2010), que introduz a noção de colonialidade do ser, uma dimensão da colonialidade do poder que afeta diretamente as subjetividades e corpos dos indivíduos. Para Quijano, o corpo é um espaço de resistência e reinvenção, o que ressoa com a ideia de Miranda de que o corpo-território está em constante evolução, adquirindo novas corporalidades e expandindo suas concepções de mundo.

Ramon Grosfoguel (2013) complementa essa visão ao argumentar que a decolonialidade não pode ser separada das realidades corporais e culturais dos sujeitos. Segundo Grosfoguel, o corpo-território é um campo de batalhas epistemológicas, onde as lutas por reconhecimento e validação de saberes subalternizados ocorrem. Isso reforça a importância de valorizar os valores civilizatórios afro-brasileiros nas salas de aula, tal como

propõe Miranda, para uma educação que reconheça e respeite as múltiplas identidades presentes.

Outro autor que contribui para a discussão do corpo-território é Catherine Walsh (2007), que enfatiza a necessidade de uma pedagogia que integre o corpo como um espaço de saberes e resistência. Walsh destaca que práticas pedagógicas decoloniais devem considerar o corpo não apenas como receptor, mas como produtor de conhecimento, uma ideia que ressoa com a proposta de Miranda de que o corpo-território aprende e se transforma ao longo das experiências.

Além disso, Miranda propõe uma conexão entre os valores civilizatórios afro-brasileiros e a prática educativa, utilizando a simbologia de orixás como Oxumaré, que representa um ciclo contínuo de renovação. Este ciclo sugere a capacidade do corpo-território de constantemente "trocar de pele", permitindo a reinvenção e a criação de novas perspectivas educacionais. Incorporar esses elementos culturais na educação, como sugere Lélia Gonzalez (1988), é essencial para criar um espaço educacional mais inclusivo e representativo, que valorize a diversidade de manifestações culturais presentes nas escolas.

2.7 A BUSCA POR UM LETRAMENTO CRÍTICO DECOLONIAL

O letramento literário se configura como uma esfera fundamental na construção do conhecimento e na formação integral dos jovens, ultrapassando as fronteiras da simples alfabetização. Enquanto a alfabetização se preocupa com as habilidades técnicas de leitura e escrita, o letramento literário expande essas capacidades, promovendo uma compreensão mais profunda e reflexiva da linguagem literária. Conforme Cosson (2006), o letramento literário envolve não apenas a decodificação de textos, mas também a interpretação crítica e o engajamento com as diversas expressões artísticas presentes na literatura.

Neste contexto, o letramento literário é visto como um processo dinâmico, culturalmente situado e intrinsecamente ligado à experiência social. A sala de aula torna-se um espaço onde as narrativas são compartilhadas, questionadas e reinterpretadas, promovendo uma prática pedagógica que valoriza a diversidade de perspectivas. Rojo (2009) reforça a necessidade de promover o letramento literário de maneira crítica e democrática, capacitando os alunos a interagir com as múltiplas práticas letradas que permeiam a sociedade contemporânea.

A abordagem decolonial do letramento literário exige, portanto, uma revisão crítica do cânone literário, historicamente dominado por obras que refletem uma visão eurocêntrica.

Gloria Anzaldúa (1987) argumenta que a literatura pode ser um espaço de resistência, onde vozes marginalizadas encontram expressão. Ao incluir autores indígenas, africanos e latino-americanos no currículo, as escolas oferecem aos estudantes uma visão mais ampla e diversa da literatura, como propõe Antunes (2003), que defende uma pedagogia comunicativa e contextualizada.

A inclusão de autores e obras que reflitam a diversidade cultural e histórica dos alunos não apenas enriquece o repertório literário, mas também contribui para desconstruir estereótipos e preconceitos. Lélia Gonzalez (1988) destaca que o letramento literário tem o potencial de fortalecer as identidades culturais dos jovens, oferecendo-lhes ferramentas para resistir às narrativas dominantes e afirmar suas próprias histórias e culturas.

Assim, ao trazer o letramento literário para o centro da educação, não estamos apenas formando leitores proficientes, mas também sujeitos críticos, capazes de dialogar com o mundo a partir de múltiplas perspectivas. Esse enfoque mais amplo do letramento literário, conforme discutido por Cosson (2006), abre portas para uma compreensão ampliada do mundo, mediada pelas palavras e experiências literárias que, quando devidamente orientadas, potencializam compreensões que transcendem o texto escrito.

A partir da análise do conceito de corpo-território e do letramento literário decolonial, percebemos a importância de uma abordagem educativa que valorize as diversas identidades culturais presentes nas salas de aula. Ao integrar esses conceitos nas práticas pedagógicas, podemos criar um espaço educacional que não apenas reconheça, mas também celebre e valorize a diversidade de saberes e culturas, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, conscientes e engajados na construção de uma sociedade mais justa e plural.

3 A PÁGINA DE INSTAGRAM “FUNKEIROS CULTS” E O FUNK

3.1 A REDE SOCIAL *INSTAGRAM*

O *Instagram* surgiu em 2010 como uma iniciativa inovadora de Kevin Systrom e Mike Krieger, com o objetivo de proporcionar uma plataforma dedicada ao compartilhamento de fotografias. Nesse período, a ascensão das redes sociais estava em pleno vigor, e o *Instagram* rapidamente encontrou seu espaço, oferecendo uma abordagem única ao focar principalmente na experiência visual do usuário.

Inicialmente disponível apenas para usuários de dispositivos *iOS*¹, os famosos “*iPhones*”, o aplicativo conquistou popularidade rapidamente. Sua simplicidade cativante, aliada à capacidade de aplicar filtros instantâneos às imagens, trazia às fotos uma estética visual apelativa. Logo, este diferencial estilístico se tornou um dos pilares que sustentaram a identidade do *Instagram* ao longo dos anos.

A decisão de restringir o acesso inicialmente a dispositivos *Apple* foi estratégica, criando uma aura de exclusividade em torno do aplicativo. A escassez inicial gerou uma demanda crescente, alimentando ainda mais a curiosidade do público. Esse movimento astuto não apenas conferiu prestígio ao *Instagram*, mas também estabeleceu as bases para uma expansão bem-sucedida no futuro.

Além disso, outro ponto importante em sua trajetória foi a decisão de adotar uma abordagem exclusiva para aparelhos portáteis a princípio, alinhando-se com a tendência crescente de uso de dispositivos móveis para acesso à internet. Essa escolha estratégica não apenas se mostrou profética, mas também contribuiu para a rápida disseminação do *Instagram* entre os usuários, permitindo-lhe ocupar um espaço vital nas interações digitais cotidianas.

A trajetória inicial dessa rede social foi marcada por uma comunidade de usuários ávidos por compartilhar momentos do cotidiano de maneira estilizada. Essa ênfase na estética e na narrativa visual a diferenciou de outras plataformas existentes na época, como o

¹ Sistema operacional móvel desenvolvido pela *Apple Inc.*, utilizado exclusivamente em dispositivos da marca, como *iPhones*, *iPads* e *iPods touch*. O *iOS* é conhecido por sua interface intuitiva, segurança robusta e integração estreita com o ecossistema da *Apple*, oferecendo uma experiência de usuário coesa e contínua entre diferentes dispositivos.

*Facebook*² e o *Twitter*³, consolidando-a como uma ferramenta única de expressão pessoal.

A aquisição do *Instagram* pelo *Facebook* em 2012 por US\$ 1 bilhão representou um ponto de inflexão significativo em sua história. Essa junção estratégica trouxe consigo recursos e expertise técnica, impulsionando o *Instagram* para um novo patamar de desenvolvimento e crescimento. Desde então, a plataforma passou por diversas transformações, expandindo suas funcionalidades e integrando-se cada vez mais ao ecossistema digital global.

Uma das mudanças mais relevantes foi a introdução dos algoritmos de *feed*⁴ em 2016, que alteraram a forma como o conteúdo era apresentado aos usuários. O algoritmo personalizado, impulsionado por aprendizado de máquina, passou a exibir conteúdo com base nas preferências individuais, aumentando a relevância e o engajamento do usuário. Essa mudança não apenas transformou a dinâmica da experiência do usuário, mas também abriu portas para uma monetização mais eficaz, especialmente para influenciadores digitais.

A diversificação de conteúdo também se destacou como uma estratégia-chave na evolução do *Instagram*. A introdução de vídeos, inicialmente com limites curtos e, posteriormente, expansão para formatos mais longos, como o *IGTV*⁵, acompanhou a demanda crescente por conteúdo visual dinâmico. Essa adaptação à evolução dos padrões de consumo de mídia solidificou ainda mais a posição do *Instagram* como uma plataforma digital versátil e relevante.

A interatividade foi outra dimensão explorada pela plataforma ao lançar o recurso

² Plataforma de mídia social fundada por Mark Zuckerberg e seus colegas em 2004, que permite aos usuários criar perfis pessoais, adicionar amigos, compartilhar atualizações de status, fotos e vídeos, e interagir com outros através de comentários e mensagens. O *Facebook* é uma das maiores redes sociais do mundo, amplamente utilizada para conectar pessoas, promover eventos e campanhas, e consumir notícias e entretenimento.

³ Plataforma de mídia social que permite aos usuários enviar e ler mensagens curtas chamadas "tweets", com um limite de caracteres definido. Lançado em 2006, o *Twitter* é conhecido por sua capacidade de compartilhar atualizações em tempo real e por seu uso frequente em eventos de notícias, discussões e interações públicas. A plataforma é amplamente utilizada para disseminação de informações rápidas e para interações entre usuários, celebridades, e organizações.

⁴ Sistemas de recomendação que determinam quais postagens, atualizações ou conteúdos são exibidos para o usuário em um feed de mídia social ou plataforma digital. Esses algoritmos utilizam uma combinação de dados pessoais, interações anteriores, e padrões de comportamento para personalizar o conteúdo exibido, visando aumentar o engajamento e a relevância das informações apresentadas ao usuário. O objetivo é otimizar a experiência do usuário ao mostrar conteúdo que seja mais relevante e interessante para ele.

⁵ *Instagram TV*, um recurso do Instagram lançado em 2018 que permite aos usuários postar vídeos de longa duração, indo além dos limites tradicionais de tempo de postagem da plataforma. Poucos anos depois, essa funcionalidade foi descontinuada.

*stories*⁶ em 2016. Inspirado em outras plataformas, como o *Snapchat*⁷, os *stories* permitiam que os usuários compartilhassem momentos efêmeros de suas vidas, agregando uma camada adicional de autenticidade e imediatismo à plataforma. Essa adição não apenas manteve os usuários existentes, mas também atraiu uma nova geração de usuários que buscavam uma forma mais casual e efêmera de compartilhar conteúdo.

Além disso, o *Instagram* não hesitou em abraçar tendências emergentes, como os filtros de realidade aumentada e a interação em tempo real com o *Live*⁸. Essas adições não apenas mantiveram a plataforma relevante, mas também a colocaram na vanguarda da inovação em mídias sociais. Atualmente, o *Instagram* tem uma relevância muito diferente, em comparação aos seus primeiros anos de existência. Hoje, a rede social é um reflexo dinâmico da sociedade contemporânea, desempenhando um papel vital na comunicação, na cultura visual e na construção de comunidades digitais.

Essa plataforma emergiu como um canal essencial para a comunicação digital

— seja na esfera pessoal, onde amigos compartilham momentos cotidianos através de *stories* e fotos, ou no âmbito profissional, onde marcas estabelecem conexões com seus públicos-alvo, além, também, de ter se tornado um veículo versátil para a troca de mensagens. A rapidez e a acessibilidade proporcionadas pelo *Instagram* consolidam sua posição como um meio de comunicação instantâneo, contribuindo para a disseminação de notícias, tendências e discussões globais.

Em termos de cultura visual contemporânea, a influência do *Instagram* é inegável. A ênfase na estética, a popularização de filtros e a promoção de uma narrativa visual particular, baseada em algoritmos, influenciaram a forma como percebemos e compartilhamos histórias. Isso não reflete apenas nas tendências visuais, mas também as impulsiona, inspirando novos padrões estéticos e promovendo a criatividade. Além disso, a ascensão de influenciadores digitais, muitos dos quais ganharam notoriedade exclusivamente através do *Instagram*, destaca a plataforma como um catalisador significativo na formação da cultura digital.

O *Instagram* é mais do que uma plataforma de compartilhamento; é um espaço onde comunidades se formam e interações sociais se desdobram. Seja por meio de comentários,

⁶ Função do *Instagram* que permite aos usuários postar fotos ou vídeos que desaparecem após 24 horas. Introduzido em 2016, o recurso foi inspirado na função similar do *Snapchat*.

⁷ Aplicativo de mídia social lançado em 2011, conhecido por permitir aos usuários enviar fotos e vídeos que desaparecem após serem visualizados. O *Snapchat* introduziu o conceito de *Stories*, que são compilações de imagens e vídeos disponíveis por 24 horas, e "Lenses" e "Filtros", que aplicam efeitos e transformações em tempo real às imagens. A plataforma é popular entre os jovens por suas funções de compartilhamento efêmero e suas inovações constantes em recursos visuais e interativos.

⁸ Recurso do *Instagram* que permite aos usuários transmitirem vídeos em tempo real para seus seguidores, proporcionando uma interação imediata e direta.

curtidas ou mensagens diretas, essa rede social oferece oportunidades para conexões significativas. A plataforma se tornou um espaço onde diferentes perspectivas convergem e divergem, promovendo relações completamente distintas das que ocorriam antes do seu advento.

A sua relevância atual também é evidente em sua capacidade contínua de adotar e implementar inovações tecnológicas. O *Instagram* se mantém na vanguarda da evolução digital desde a incorporação de realidade aumentada em filtros até a integração de ferramentas de compras online. Essas inovações não apenas mantêm os usuários envolvidos, mas também expandem as possibilidades da plataforma, tornando-a um espaço dinâmico e com constantes novidades.

Contudo, ao longo de sua trajetória, o *Instagram* enfrentou uma série de desafios e problemas, muitos dos quais derivam diretamente do impacto generalizado. Embora tenha se destacado como uma plataforma inovadora e culturalmente influente, alguns aspectos apresentam questionamentos e preocupações relevantes.

A estética apresentada, tida como ideal, muitas vezes gera pressões sociais significativas. A busca incessante por padrões de beleza e estilo de vida muitas vezes leva os usuários a uma comparação constante, impactando negativamente a autoestima e a saúde mental. A preocupação com a imagem idealizada e a necessidade de validação *online* podem criar um ambiente propício ao desenvolvimento de ansiedade e insatisfação pessoal.

Outra questão relevante é a rapidez com que as informações circulam. A plataforma, muitas vezes, se torna um vetor para a disseminação de desinformação, teorias da conspiração e conteúdo prejudicial. A falta de controle sobre a veracidade das informações compartilhadas pode contribuir para a propagação de notícias falsas, afetando a compreensão pública e a confiança na plataforma.

Em termos de saúde mental, a dependência digital, caracterizada pelo tempo excessivo gasto na plataforma, pode contribuir para problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão. A constante exposição a uma realidade filtrada e a pressão para manter uma presença *online* idealizada podem ter efeitos prejudiciais na saúde psicológica dos usuários.

Nesses termos, embora o *Instagram* tenha se destacado como uma força inegável na paisagem digital, os desafios e problemas associados evidenciam a complexidade de gerenciar uma plataforma de tal magnitude. A necessidade de abordar essas questões torna-se importante para garantir um ambiente online saudável, inclusivo e ético para os milhões de usuários que fazem da plataforma uma parte integrante de suas vidas digitais.

3.2 O *FUNK* ALÉM DO GÊNERO MUSICAL

O *funk* carioca, de acordo com Mizrahi (2018), é um gênero de música eletrônica nativo do Rio de Janeiro, Brasil, originado pela incorporação de elementos do *soul*⁹ e do *hip-hop*¹⁰ de Nova Iorque, bem como do *Miami bass*¹¹ da década de 1970. Ele apresenta um estilo distinto de suas influências originais e está fortemente associado aos jovens que habitam as favelas e periferias das cidades brasileiras. Embora esses jovens sejam frequentemente considerados seus principais criadores e apreciadores, o *funk* não se limita a um grupo específico, sendo, assim, amplamente consumido por outros grupos sociais. O *funk* deu origem a uma estética cultural própria, indo além de suas letras e sonoridades ao se refletir no uso ativo e significativo de roupas e acessórios.

O *funk* no Brasil possui raízes na década de 1970, quando artistas como Tim Maia e Jorge Ben Jor incorporaram elementos do *funk* norte-americano em suas músicas. Nessa fase inicial, o *funk* era predominantemente uma vertente da música negra brasileira, combinando elementos rítmicos e melódicos com letras que frequentemente abordavam questões sociais.

Em seguida, na década de 1980, o "*funk carioca*" emergiu como uma expressão musical autêntica no Brasil, com artistas como MC Galo e Deise Tigrona contribuindo para a criação de uma cena de *funk* exclusivamente brasileira. Esse período marcou uma transição, quando o *funk* brasileiro começou a desenvolver suas próprias características, como batidas marcantes e letras que refletiam a realidade das favelas e das comunidades marginalizadas da época.

E em sequência, a terceira fase do *funk* brasileiro é iniciada nos anos 2000, trazendo o surgimento do "*funk ostentação*" em São Paulo e do "*funk proibidão*" no Rio de Janeiro. Respectivamente, o primeiro destacou a ostentação material e o consumo em suas letras, enquanto o segundo abordou temas mais sombrios, como a violência nas favelas e a realidade das comunidades marginalizadas. Nesse sentido, ambos os subgêneros provocaram debates e controvérsias na sociedade brasileira, sendo alvos de discriminação por grande parte da população, que costuma associar os MCs e DJs de *funk* ao tráfico e à violência urbana.

⁹ Gênero de música popular afro-americana originado nos Estados Unidos nos anos 1950 e 1960, que combina elementos do *rhythm and blues* e do *gospel*.

¹⁰ Movimento cultural e estilo de música originado nas comunidades afro-americanas e latinas de Nova Iorque na década de 1970, caracterizado por *rap*, *graffiti*, *breakdancing* e *DJing*.

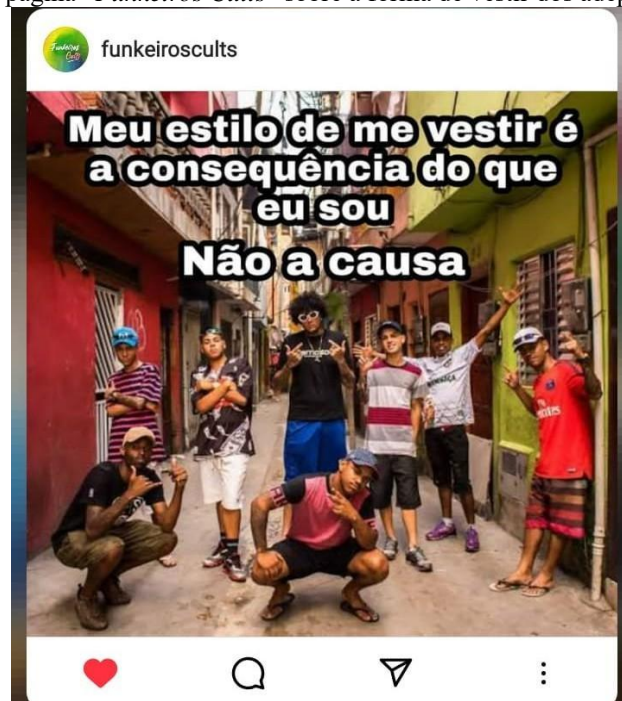
¹¹ Subgênero de música eletrônica originário de Miami, Flórida, caracterizado por batidas rápidas e graves intensos, influente no desenvolvimento do *funk carioca*.

Enquanto aspecto cultural, o *funk* brasileiro não é apenas um gênero musical; é uma manifestação cultural que influencia o comportamento e a identidade cultural dos brasileiros, em especial dos jovens. Suas batidas envolventes, danças características e letras provocantes desempenham um papel fundamental na vida das comunidades urbanas do Brasil.

É importante ressaltar que a luta por legitimidade e contra preconceitos travada diariamente por aqueles envolvidos com esta prática musical, de acordo com Cavalcanti (2016), suscita a necessidade constante de justificar a sua existência devido à sua origem. O *funk*, de acordo com a pesquisa do mesmo autor, foi constantemente citado, pelos sujeitos do seu trabalho, como uma prática capaz de gerar renda, afastar as crianças e adolescentes do crime e das drogas e até ajudar no processo de alfabetização.

Portanto, entendemos que o *funk* atua como uma forma de resistência e empoderamento para comunidades marginalizadas, especialmente nas periferias das grandes cidades brasileiras. As letras frequentemente retratam a realidade cotidiana dessas comunidades, evidenciando os problemas que enfrentam e desafiando estereótipos tidos como padrão na sociedade brasileira.

Figura 1 - Postagem da página “*Funkeiros Cults*” sobre a forma de vestir dos adeptos da cultura *funk*.



Fonte: Perfil do *Instagram* “*Funkeiros Cults*”¹².

Dito isso, é de interesse dessa pesquisa a inclusão do *funk* brasileiro nos processos de

¹² Disponível em: <<https://www.instagram.com/funkeiroscults>>. Acesso em: 05 de julho de 2023.

ensino e aprendizagem, em busca de promover a valorização da diversidade cultural e estimular a compreensão de diferentes perspectivas e realidades. É possível aos educadores a utilização do *funk* como uma ferramenta pedagógica para sensibilizar os educandos sobre a riqueza da cultura brasileira.

As letras do *funk* frequentemente abordam questões sociais complexas, como a desigualdade, a violência e a discriminação. O uso dessas músicas como material de ensino pode estimular discussões significativas sobre esses problemas, incentivando os alunos a pensar criticamente sobre a sociedade em que vivem.

Nesses termos, o uso do *funk* brasileiro na educação tem o potencial de aumentar o engajamento dos alunos, tornando o processo de aprendizagem mais interessante e relevante para eles. A música, como forma de expressão cultural, pode servir como uma ponte para o envolvimento dos alunos em diversas disciplinas.

No entanto, é importante lembrar da inclusão do *funk* no ensino com cuidado, considerando a sensibilidade das letras e dos temas abordados. É importante criar um ambiente de aprendizagem que permita a discussão crítica e o diálogo, ao invés de promover estereótipos ou preconceitos. Além disso, é essencial envolver os educadores, os pais e a comunidade escolar no processo de tomada de decisão sobre o uso do *funk* como dispositivo pedagógico.

3.3 A PÁGINA DE INSTAGRAM “FUNKEIROS CULTS”

A partir dos debates anteriores, é possível compreender que a cultura do *funk*, nascida nas periferias urbanas, há muito tempo enfrenta estigmatização e marginalização. Contudo, temos a abordagem inovadora por meio da iniciativa de Dayrel Azevedo com a sua página do Instagram “*Funkeiros Cults*”. Nesse contexto, o espaço do Instagram se tornou o lugar onde o criador do perfil pode compartilhar suas ideias, exaltando sua cultura de forma inovadora.

Nesse contexto, a escolha de unir o *funk* com expressões culturais tradicionalmente associadas à erudição não é apenas um gesto de resistência, mas também uma tentativa de transcender as barreiras sociais que historicamente separaram diferentes estratos culturais. Assim, Dayrel Azevedo emerge como um agente de mudança, utilizando as redes sociais como plataforma para desmistificar concepções preconcebidas sobre o conhecimento e a aprendizagem.

Ao examinarmos a relação entre o *funk* e a cultura acadêmica, é importante considerar o impacto das redes sociais na formação de identidade cultural, no contexto da

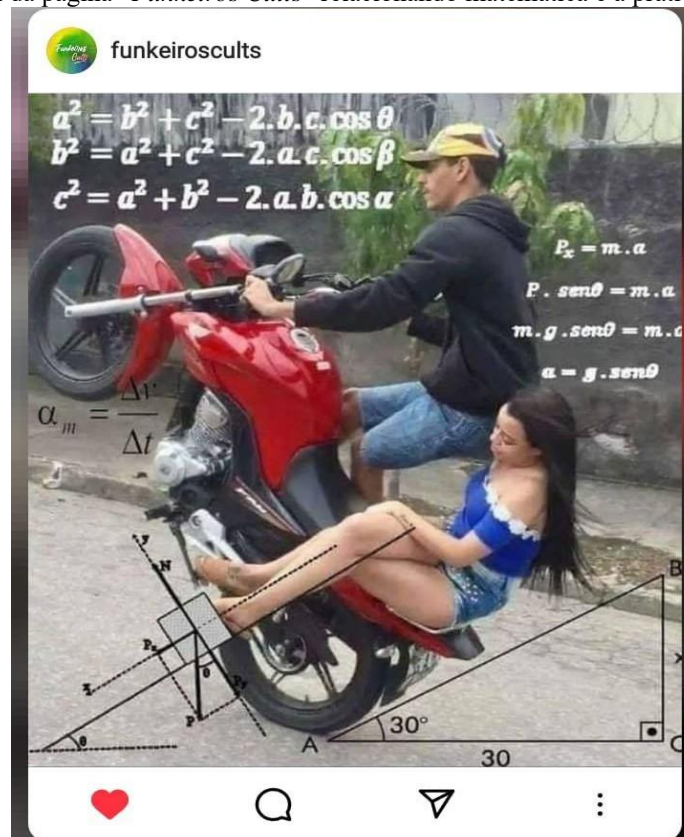
pesquisa. Dayrel, ao compartilhar sua jornada, revela como as plataformas online se tornaram um meio crucial não somente para experienciar arte, literatura e cinema, mas também para construir uma infinidade de amálgamas, típicas da Cultura da Conexão (JENKINS, 2014). A interconexão desses elementos evidencia a capacidade do *funk* de ser um veículo eficaz para a disseminação de conhecimento e expressão artística.

Torna-se evidente, que a página "*Funkeiros Cults*" não é apenas uma plataforma de entretenimento, mas também um espaço de resistência e integração cultural. A fusão do *funk* com elementos literários, cinematográficos e filosóficos é um testemunho da riqueza intrínseca à diversidade cultural, fornecendo um terreno fértil para a discussão e ampliação do conhecimento.

Ao abordar esse tema, é possível destacar a capacidade singular do *funk* de transcender os limites tradicionais da educação formal, alcançando um público mais amplo e diversificado. A integração daquele como meio educacional representa uma oportunidade única de envolver comunidades marginalizadas em processos de aprendizagem, desafiando, assim, paradigmas sociais arraigados.

Dessa forma, é possível observar a união do *funk* com elementos culturais de origem acadêmica, destacando não apenas as conquistas da página "*Funkeiros Cults*", mas também as implicações mais amplas dessa integração, em busca de uma educação implicada com a cultura evidenciada neste trabalho.

Figura 2 - Postagem da página “*Funkeiros Cults*” relacionando matemática e a prática de empinar motos.



Fonte: Perfil do Instagram “*Funkeiros Cults*”.¹³

A iniciativa de Dayrel Azevedo ao criar a página “*Funkeiros Cults*” revela não apenas um movimento para desafiar estereótipos, mas também uma jornada pessoal de expansão cultural. Ao explorar essa faceta, é possível compreender melhor a interseção entre a cultura do *funk* e as artes mais convencionais, como literatura e cinema.

A jornada do autor se inicia com a sua experiência de envolvimento inicial com o *funk*, uma expressão cultural profundamente enraizada nas periferias urbanas do Brasil. No entanto, sua trajetória tomou um rumo significativo após concluir a escola, quando ele começou a se interessar por arte, literatura e cinema, principalmente através das redes sociais. Esse movimento de transição evidencia a capacidade das plataformas online em facilitar a exposição a diferentes formas de expressão cultural, transcendendo fronteiras geográficas e socioeconômicas.

O papel crucial desempenhado por seu primeiro emprego com carteira assinada como bedel em uma universidade particular destaca-se como um ponto de inflexão. Nesse ambiente acadêmico, Dayrel teve um acesso mais amplo à informação e educação, moldando sua perspectiva e despertando seu desejo de ingressar na academia como estudante de psicologia.

¹³ Disponível em: <<https://www.instagram.com/funkeiros cults>>. Acesso em: 05 de julho de 2023.

Essa experiência proporcionou a ele uma compreensão mais profunda da importância do conhecimento formal, ao mesmo tempo em que destaca a necessidade de inclusão de diversas vozes nos espaços acadêmicos.

A fusão entre o *funk* e a cultura acadêmica, como evidenciado pela página "*Funkeiros Cults*", não é apenas um esforço para desmistificar, mas também uma resposta orgânica à própria jornada de aprendizado implicada do criador de conteúdo. A interseção entre a cultura do *funk* e a literatura, cinema e filosofia revela a riqueza das influências culturais em seu desenvolvimento pessoal.

Aqui, vale dizer que é possível reconhecer que a iniciativa de Dayrel vai além da simples quebra de paradigmas; ela representa um convite à reflexão sobre como as experiências pessoais podem moldar a percepção do conhecimento e como a interação entre culturas diversas pode enriquecer a trama social. A página "*Funkeiros Cults*" emerge, assim, como uma expressão autêntica de uma jornada formativa intercultural.

Acerca dos objetivos da página, é possível afirmar que transcendem a mera integração dita acima. Ela também propõe uma abordagem mais abrangente, desafiando noções arraigadas sobre o conhecimento, a cultura da periferia e o papel do *funk* na sociedade brasileira.

A página destaca-se por sua temática que abrange a cultura da periferia, cinema, literatura e filosofia. Essa abordagem multifacetada não apenas enriquece a experiência dos seguidores, mas também contribui para a desconstrução de estereótipos. Ao integrar elementos filosóficos, a página sugere que o *funk* não é apenas um gênero musical, mas uma forma de expressão que pode dialogar de maneira significativa com questões mais amplas da sociedade. A estratégia de compartilhamento de conteúdo com tons de humor se revela eficaz na viralização das publicações. Ao ativar a curiosidade dos seguidores, a página não apenas os entretém, mas também os convida a refletir sobre a interseção entre diferentes formas de cultura. Esse método lúdico de engajamento contribui para a quebra de barreiras, criando um ambiente propício para a aprendizagem informal numa sala de aula, por exemplo.

A página "*Funkeiros Cults*" oferece uma imersão autêntica na cultura da periferia, desafiando a percepção de que o *funk* é um ritmo marginalizado pela elite nacional. Essa imersão não só celebra a riqueza cultural das periferias urbanas, mas também destaca a capacidade do *funk* de ser um veículo de expressão que transcende as fronteiras geográficas e sociais.

Ao reunir seguidores interessados na temática em questão, a página se torna um ponto de encontro para a desconstrução de estereótipos e preconceitos. Ela desafia a ideia

preconcebida de que o modo de se vestir e falar está diretamente ligado ao conhecimento, promovendo uma visão mais inclusiva e diversificada da inteligência e da educação.

O seu rápido crescimento, hoje incluindo mais de 200 mil seguidores no *Instagram*, a posiciona como uma revolução cultural contemporânea. Inspirada por Paulo Freire, a página demonstra como a arte pode ser uma ferramenta poderosa na luta contra a marginalização cultural e na promoção de uma educação que valoriza a diversidade.

Em síntese, os objetivos da página não se limitam à integração de elementos culturais distintos, mas se estendem a uma missão mais ampla de desconstrução, inclusão e celebração da riqueza presente nas diferentes expressões culturais. A "*Funkeiros Cults*" não apenas quebra paradigmas, mas constroi pontes entre universos aparentemente discrepantes, criando um espaço educativo dinâmico e transformador.

Em consequência, o impacto e a rápida repercussão da página transcendem os limites das redes sociais, destacando-se como um verdadeiro agente de mudança cultural. Com uma base relevante de seguidores, a página não apenas alcançou popularidade, mas também desencadeou discussões significativas sobre o papel do *funk* na sociedade brasileira e sua capacidade de ser um veículo eficaz para a expansão do conhecimento.

Também, o crescimento exponencial da página indica uma mudança na percepção social em relação ao *funk*. Ela emerge como uma plataforma que desafia e desconstrói a ideia de que o *funk* é um ritmo marginalizado pela elite nacional. Através de sua abordagem multifacetada, a página contribui para a valorização do *funk* como uma expressão legítima da cultura brasileira, rompendo com estigmas históricos associados ao gênero.

A página ecoa as ideias do renomado educador Paulo Freire, que defendia uma abordagem emancipatória da educação. Assim como Freire propunha uma educação libertadora, a "*Funkeiros Cults*" se destaca ao utilizar a cultura do *funk* como um meio emancipatório, desafiando preconceitos e promovendo uma visão mais inclusiva e participativa do conhecimento.

Além disso, ao abordar temas que vão desde a cultura da periferia até a filosofia, estabelece um diálogo interdisciplinar envolvente. Essa abordagem ampla e diversificada não apenas enriquece o conteúdo compartilhado, mas também estimula a interação entre diferentes campos de conhecimento. A "*Funkeiros Cults*" se torna assim um espaço que transcende barreiras, incentivando a colaboração e a troca de ideias entre diversas áreas do saber.

Nesse sentido, ela oferece lições valiosas para a educação formal, destacando a necessidade de reconhecer e incorporar diversas expressões culturais nos currículos acadêmicos. A abordagem interdisciplinar da "*Funkeiros Cults*" sugere que a diversidade de

conhecimentos é uma força motriz para uma educação mais rica e significativa. Essa lição pode influenciar práticas pedagógicas, inspirando educadores a adotarem abordagens mais inclusivas.

Ao desafiar normas preestabelecidas sobre o que é considerado cultura erudita e popular, a página se torna uma voz disruptiva. O impacto não se restringe apenas ao cenário digital, mas reverbera na sociedade, desencadeando reflexões sobre a necessidade de reconhecimento e respeito pela diversidade cultural. Se apresenta como uma força que desafia o status quo, redefinindo o papel do *funk* no panorama cultural brasileiro.

Então, a página "*Funkeiros Cults*" não só alcançou sucesso nas redes sociais, mas também se estabeleceu como um catalisador de mudanças culturais. Seu impacto transcende as barreiras virtuais, influenciando a percepção coletiva sobre o *funk*, a educação e a valorização da diversidade cultural. O fenômeno desse perfil de Instagram destaca-se como um exemplo contemporâneo de como a arte pode ser uma força transformadora na construção de uma sociedade mais inclusiva e consciente.

Também é importante evidenciar que a página promove uma abordagem inclusiva e participativa da educação ao incentivar a participação ativa dos seguidores. O diálogo entre os membros da comunidade é encorajado, criando um ambiente que valoriza diferentes perspectivas e experiências. Essa participação ativa não apenas amplifica vozes historicamente marginalizadas, mas também contribui para a construção de uma compreensão mais crítica e enriquecedora dos temas abordados.

Ao desafiar preconceitos e estereótipos, a "*Funkeiros Cults*" se estabelece como um espaço de resistência cultural e social. A página não apenas celebra a cultura da periferia, mas também reivindica seu lugar no cenário cultural brasileiro. Essa resistência vai além do âmbito musical, abraçando uma abordagem mais abrangente que reconhece a contribuição significativa da cultura do *funk* para o panorama artístico e intelectual.

Ou seja, ao desconstruir preconceitos e abraçar a diversidade cultural, a "*Funkeiros Cults*" contribui para uma educação descolonizada. A página desafia a hegemonia cultural, questionando narrativas dominantes e proporcionando uma plataforma onde múltiplas vozes têm espaço para serem ouvidas. Essa abordagem alinha-se com ideias de educação mais inclusiva e diversificada, promovendo a valorização de conhecimentos diversos e a descolonização do currículo educacional.

Ela não apenas identifica seu público-alvo, mas se torna um agente ativo na desconstrução de preconceitos, promovendo inclusão cultural e resistindo a padrões estabelecidos. Ao construir uma comunidade diversificada e participativa, a página se destaca

como uma ferramenta educativa dinâmica, contribuindo para uma compreensão mais rica e pluralista da cultura brasileira. Ao integrar o movimento *funk* com elementos da cultura acadêmica, a página não apenas desafia normas preestabelecidas, mas reconfigura o cenário cultural brasileiro, fornecendo insights valiosos para a educação contemporânea.

Com inspirações nas ideias de Paulo Freire, a "*Funkeiros Cults*" torna-se um manifesto contemporâneo de uma educação libertadora. Ela ressoa as noções freireanas de aprendizado como um ato de diálogo, questionamento e transformação.

Entretanto, a página "*Funkeiros Cults*" enfrenta desafios inerentes à sua missão. A resistência a mudanças culturais, a persistência de estigmas e a necessidade de manter a autenticidade em meio à popularidade são aspectos que requerem consideração. No entanto, esses desafios também representam oportunidades para reforçar o impacto da página, transformando-a em um catalisador ainda mais poderoso para mudanças positivas.

Em conclusão, a página "*Funkeiros Cults*" transcende sua natureza digital para se tornar um fenômeno cultural que desafia e reconfigura a paisagem educacional brasileira. Ao inspirar uma reconexão entre o *funk* e a cultura acadêmica, a página destaca a capacidade da arte de ser uma força transformadora na promoção de uma sociedade mais inclusiva, consciente e participativa. A jornada dela permanece como um testemunho vivo de como a expressão cultural pode catalisar mudanças profundas e inspirar novos caminhos para o entendimento e a aprendizagem.

Figura 3 - Postagem da página “*Funkeiros Cults*” relacionando educação, os “crias” (ou seja, os garotos imersos na cultura em questão) e o baile funk.



Fonte: Perfil do *Instagram* “*Funkeiros Cults*”.¹⁴

¹⁴ Disponível em: <<https://www.instagram.com/funkeiros cults>>. Acesso em: 05 de julho de 2023.

4 OS MEMES DA PÁGINA DE INSTAGRAM “FUNKEIROS CULTS”

4.1 O GÊNERO *MEME* NA SALA DE AULA

O cenário educacional contemporâneo está imerso em um contexto digital em constante mudança, no qual as formas de ensino advindas de uma perspectiva tecnicista encontram-se em uma luta incessante com as inovações pedagógicas e tecnológicas. Nesse contexto, os *memes*, manifestações culturais nascidas no âmbito da cibercultura¹⁵, emergem como uma linguagem que transcende as fronteiras da comunicação online e adentra o ambiente escolar e acadêmico. Explorar a pertinência da utilização de *memes* como recurso didático na sala de aula, considerando a adaptação à linguagem contemporânea do *corpo-território* aqui discutido e a capacidade de transcender o humor para se tornarem dispositivos de formação no processo de ensino-aprendizagem é imprescindível neste trabalho.

O desenvolvimento da cultura digital impulsionou a ascensão dos *memes* como uma forma de comunicação visual instantânea, na maioria das ocasiões pautada pelo humor e pela sátira. Esse fenômeno cultural não apenas reflete a linguagem inerente à geração atual, mas também emerge enquanto um dispositivo com potencial para os educadores reinventarem sua didática.

A utilização pedagogicamente intencionada de *memes* na sala de aula não se limita a uma tentativa de tornar o ambiente mais descontraído, mas representa uma resposta, sob a perspectiva do ensino adaptativo (BACICH, TANZI, TREVISANI, 2015) às formas de comunicação emergentes que os alunos já incorporaram em suas vidas diárias.

Assim, o intento é de não apenas explorar os benefícios práticos da incorporação de *memes* no ambiente educacional, voltados para um letramento decolonial, mas também analisar como essa abordagem pode contribuir para uma relação mais significativa entre educadores e estudantes. Ao reconhecer e incorporar a linguagem dos *memes*, os educadores podem estabelecer conexões mais profundas com os alunos, proporcionando uma aproximação comunicacional e, conseqüentemente, promovendo uma atuação implicada no processo de ensino-aprendizagem.

Ao abordar essa temática, busca-se, portanto, oferecer uma visão diversa sobre como os *memes* podem transcender seu papel inicial de entretenimento *online* para se tornarem

¹⁵ Toda produção cultural e fenômenos sociotécnicos que emergem da relação entre seres humanos e objetos técnicos digitalizados em conexão com a internet, rede mundial de computadores. (PORTO, 2015, p. 11).

aliados na construção de uma experiência educacional significativa e contextualizada aos desafios do século XXI.

Os *memes*, enquanto fenômeno cultural, representam mais do que simples imagens de tom humorístico compartilhadas nas redes sociais digitais; são conteúdos que veiculam, através da sátira, ideias, emoções e situações de forma concisa.

No contexto educacional, compreender os *memes* como uma linguagem comunicativa potencialmente pedagógica é imprescindível. Ao transcender barreiras linguísticas e culturais, essa forma de compartilhar ideias se constitui como uma forma de expressão que ressoa especialmente com as gerações imersas nos espaços digitais mediadores das relações interpessoais. Com base em Macedo (2020), é possível entender que discutir a força e a especificidade das interações nas redes sociais digitais é indispensável para uma análise precisa sobre a temática dos *memes* nos processos de letramento. Diversas questões que preocupam os educadores e pesquisadores das diversas áreas da educação ocorrem nesses espaços. Mas o que acaba passando despercebido é que nesses mesmos espaços existem diversos potenciais importantes aos processos de ensino-aprendizagem.

Ao analisar os *memes* como linguagem, observamos que não são apenas veículos de humor, mas representam uma forma de comunicação visual altamente eficiente. A natureza viral¹⁶ e compartilhável dos *memes* contribui para sua rápida disseminação, alcançando amplos públicos diluídos nos diversos espaços de digitais de comunicação (*Instagram, TikTok, Whatsapp*, entre outros). Isso sugere que, ao incorporar *memes* na sala de aula, os educadores podem se apropriar dessa linguagem visual para criar conexões significativas com os estudantes.

A linguagem dos *memes* transcende o verbal, alcançando uma compreensão transmídia dos conteúdos, ou seja, que atravessa outras mídias, influenciando e sendo influenciada pelas mesmas (JENKINS, 2009). A capacidade dos *memes* de comunicar conceitos complexos por meio de imagens simples e legendas concisas pode reinventar a apresentação de informações, potencializando a compreensão dos estudantes através de uma aproximação não somente nas formas de se comunicar, mas também das culturas e conhecimentos. Essa “simplicidade” visual é crucial em um mundo onde a atenção dos alunos é disputada por várias fontes de informação.

Além disso, os *memes* não se limitam ao humor. Eles podem expressar críticas sociais, promover reflexões profundas e até mesmo servir como meio de protesto. A

¹⁶ Ou seja, de compartilhamento em alta velocidade e escala nas redes sociais digitais.

diversidade de mensagens veiculadas por meio dos *memes* permite que sejam adaptados para atender a uma variedade de objetivos, inclusive educacionais, indo além do entretenimento.

Ao reconhecer os *memes* como um gênero textual comunicativo pertinente, os educadores podem ressignificar o espaço da sala de aula em termos de diversidade comunicacional e, potencialmente, culturalmente relevante. Isso não apenas aproxima os educadores do universo dos alunos, mas também proporciona um ambiente propício para a integração dos *memes* como dispositivos didáticos significativos.

O engajamento dos estudantes é um elemento crucial para o sucesso do processo educacional, e os *memes* apresentam-se como uma maneira significativa de construir essa conexão. A natureza humorística da linguagem proporciona uma abordagem que, através da ludicidade, pode ressignificar os ambientes de aprendizagem, tornando-os mais atraentes e dinâmicos.

Assim, é imprescindível um processo de escolha cuidadosa dos *memes*, de modo que estes sejam pertinentes à intencionalidade do que se planeja e que respeitem os limites éticos necessários nas relações de ensino-aprendizagem institucionais. Incorporar *memes* que estejam relacionados aos tópicos abordados em sala de aula pode transformar o processo de aprendizagem em uma experiência mais personalizada e relevante para os alunos.

O engajamento dos estudantes nos momentos de formação em sala de aula não se limita apenas ao momento de apresentação dos *memes* por parte dos professores. A possibilidade de os alunos criarem seus próprios *memes* relacionados aos conceitos aprendidos pode transformar a sala de aula em um espaço interativo e colaborativo no qual o protagonismo discente é evidenciado no processo de criação. Essa abordagem não apenas incentiva a criatividade, mas também promove a expressão individual e/ou coletiva, contribuindo para um processo formativo dotado de ludicidade e significação (MACEDO, 2020).

Em suma, com a implementação dos *memes* para provocar o engajamento estudantil, os educadores têm a oportunidade de transformar a sala de aula em um ambiente mais atrativo, onde o humor dessa forma de comunicar não é apenas acolhido, mas incorporado de forma intencionada para promover aprendizagens significativas e implicada com as questões pertinentes à cultura discente analisada.

Contudo, é importante considerar que um dos desafios essenciais na implementação dos *memes* no processo de letramento reside na seleção criteriosa das imagens. A natureza diversificada da internet mostra, primeiramente, que nem todo conteúdo é apropriado para o

ambiente educacional, muito menos para determinadas faixas etárias.

Educadores devem garantir que os *memes* escolhidos estejam alinhados com os objetivos pedagógicos, evitando qualquer material que seja potencialmente ofensivo, discriminatório ou inadequado para o contexto da sala de aula. Essa questão se torna ainda mais pertinente quando se discute processos de letramento que buscam uma perspectiva decolonial. Outro ponto crucial diz respeito aos direitos autorais. Muitos *memes* são criados e compartilhados sem consideração pelos direitos autorais, o que pode levantar questões éticas. Os educadores devem incentivar a originalidade e, quando possível, orientar os alunos a criar seus próprios *memes*, promovendo assim a expressão criativa e respeitando os direitos autorais de terceiros, ressignificando e mixando¹⁷ esses referenciais de forma ética.

Nesses termos, considerações relacionadas às desigualdades tecnológicas também devem ser abordadas. Nem todos os alunos têm acesso igual aos dispositivos digitais ou à internet. Portanto, os educadores devem garantir que o uso de *memes* não exclua aqueles que podem não ter acesso a recursos tecnológicos, buscando alternativas inclusivas.

A inserção de *memes* como recurso didático na sala de aula emerge como uma estratégia educacional inovadora, capaz de transformar a dinâmica tradicional de ensino. No entanto, ao considerar a pertinência dessa prática, é crucial reconhecer não apenas suas vantagens, mas também os desafios e as considerações éticas que ela acarreta.

A capacidade dos *memes* de atuar como uma linguagem comunicativa pertinente destaca-se como uma forma de aproximação entre a cultura digital dos estudantes e a intencionalidade do educador.

Entretanto, é crucial enfrentar os desafios e considerações éticas que acompanham a utilização de *memes* na educação. A seleção cuidadosa de conteúdo, o respeito aos direitos autorais, a manutenção do profissionalismo e a consideração das desigualdades tecnológicas e culturais são elementos importantes para garantir que essa abordagem seja efetiva e inclusiva.

A utilização de *memes* na sala de aula representa mais do que uma simples adaptação à linguagem contemporânea; é uma resposta inovadora à necessidade de engajar os alunos de maneira significativa nos processos de ensino-aprendizagem. Ao reconhecer a importância dos *memes* como um dispositivo educacional relevante, os educadores podem criar um ambiente de aprendizagem mais adaptado às necessidades da contemporaneidade. Esses elementos, de acordo com Macedo (2020), em associação com os referenciais acadêmicos adequados aos segmentos trabalhados, geram um encontro marcado por uma forte

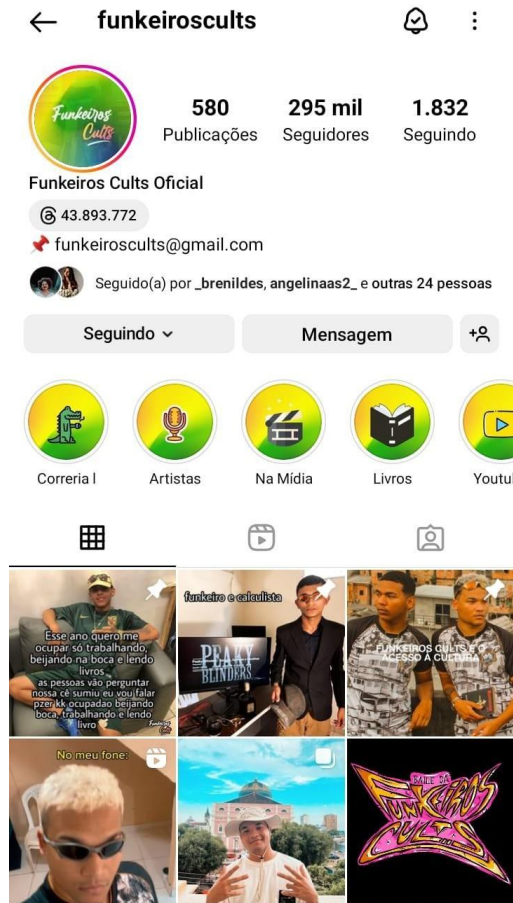
implicação que compartilham referenciais em comum que ampliam e problematizam os temas propostos nos currículos escolares.

Embora existam desafios, a integração estratégica de *memes* no contexto educacional pode enriquecer a experiência de aprendizagem, promovendo não apenas o engajamento e a retenção de informações, mas também a conexão mais profunda entre educadores e alunos. Este é um convite para explorar outras abordagens que, mesmo com a resistência de muitos, já estão inseridas no cotidiano escolar “sem pedir licença para entrar”.

4.2 ANÁLISE DOS *MEMES* SELECIONADOS DA PÁGINA DE *INSTAGRAM* “*FUNKEIROS CULTS*”

Uma das questões a serem exploradas concentra-se no potencial formativo que surge a partir das experiências de letramento digital, as quais se manifestam nos conteúdos analisados na presente pesquisa. Considerando que o público com o qual interagimos diariamente está cada vez mais imerso e fascinado pelas tecnologias, estabelece-se um elo inseparável entre as experiências dos indivíduos e a (re)elaboração narrativa. Essa abordagem visa revigorar, ressignificar e simultaneamente recriar a vivência do processo de ensino-aprendizagem.

Figura 4 - Página Inicial do perfil “*Funkeiros Cults*” do *Instagram*.



Fonte: Perfil do *Instagram* “*Funkeiros Cults*”.¹⁷

Como uma maneira de evidenciar o rigor mantido nesta pesquisa, consideramos importante reintroduzir, neste momento, a questão norteadora que delimitou a problemática construída.

Assim, retomo a questão: em que medida a literatura crítica pode contribuir, por meio do *meme* da página do *Instagram* “*Funkeiros Cults*”, como processo de letramento decolonial? Guiada por essa indagação, tracei meu percurso em direção à organização das compreensões acerca dos conteúdos postados que serão evidenciados aqui. Com essa mesma preocupação, é pertinente recontextualizar a impactante afirmação do filósofo Paul Ricoeur: “Mas a hermenêutica não é só a confrontação de um sábio e do seu texto, é também a confrontação com as interpretações cotidianas de um certo contexto histórico.” (RICOEUR, 1988, p. 151).

A argumentação de Ricoeur se alinha, de maneira abrangente, com as inspirações que orientaram minha análise das narrativas produzidas e analisadas na pesquisa. Tanto o autor da página pesquisada quanto o público engajado não devem ser considerados como

¹⁷ Disponível em <<https://www.instagram.com/funkeiroscults>>. Acesso em 05 de julho de 2023.

"idiotas culturais" (GARFINKEL, 1976; MACEDO, 2012), uma vez que criam métodos a partir das suas experiências conforme o contexto cultural em que estão inseridos. Eles atuam como agentes sociais construtores dos processos de interação na vida cotidiana, não se limitando a ser meros reprodutores das normas sociais preestabelecidas. São construções sensíveis que utilizam para compreender e opinar sobre suas experiências de aprendizado, contribuindo assim para a formação de suas experiências.

Neste momento, optei por imergir em uma espécie de "solidão interpretativa", buscando compreender as dinâmicas existentes centradas no que diz respeito às suas narrativas criadas pelo perfil analisado e como podemos utilizar os conteúdos para o desenvolvimento de processos de letramento decolonial via espaços digitais.

Com esses esclarecimentos evidenciados, apresento as noções fundamentais que orientam as compreensões elaboradas, as quais também impulsionaram o processo heurístico das análises subsequentes. Estas categorias foram desenvolvidas na interseção entre minhas referências teóricas, as experiências ciberculturais relacionadas a interação com a página "*Funkeiros Cults*", e as compreensões que emergiram do campo de pesquisa. Em outras palavras, trata-se de uma construção híbrida que incorpora a teoria, a experiência do pesquisador e a empiria vivenciada.

Resumidamente, é neste momento que o processo de construção de compreensões da pesquisa, que constitui esta dissertação, é realizada de maneira aprofundada. É neste ponto que nos imergimos na "descrição densa" (GEERTZ, 1989), em busca da "pertinência do detalhe" (LAPASSADE, 1991), através das quais a minha análise surge no encontro com o campo, em seu movimento generativo e "indisciplinado".

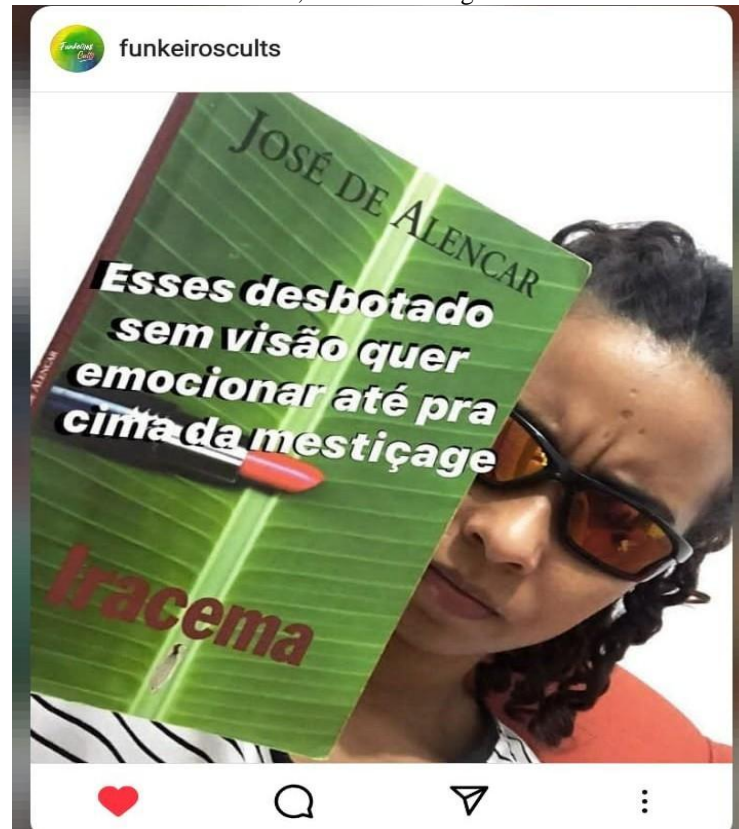
Acreditamos que esta categoria é uma das mais densas em termos de interpretações possíveis do conjunto de dados empíricos, conforme captado pelo processo de compreensão desta pesquisa. Concordamos, portanto, com a concepção expandida de compreensão, apresentada por Macedo (2010) que diz respeito à reflexão sobre duas questões extremamente significativas para a história da existência humana, pois compreender vai além de simplesmente entender; é mais do que um esforço cognitivo e intelectual para explicar, é também reconhecer que o ser humano aprende de forma contextualizada e referenciada, aprende através da sensibilidade, do corpo, e que, ao aprender, buscamos significados em um contexto social e culturalmente mediado; é lidar compreensivamente com toda a existência em constante movimento, em mudança, através das suas jornadas de aprendizado e experiências em desenvolvimento, como uma totalidade em fluxo.

Nesta abordagem, seguimos com a análise das postagens com o objetivo de entender o fenômeno, orientados pela pergunta de pesquisa. Entendemos que o processo de compreensão, no contexto histórico, nos permite explorar um aprendizado contextualizado, temporal e espacialmente complexo, que envolve questões cognitivas, éticas, políticas e estéticas, levando os participantes em rede a interagir de maneira distinta nos conteúdos históricos compartilhados através das redes sociais digitais, com base em suas próprias referências cotidianas, incluindo suas próprias redes.

É fundamental, ao discutir a experiência formativa em letramento digital potencialmente desenvolvida no ciberespaço, compreender que, assim como a dinâmica dos participantes envolvidos, a Literatura também é um campo em constante evolução e reinterpretação. O grande desafio reside em destacar esse dinamismo de forma dialógica e responsável, priorizando a melhoria das mediações formativas.

Seguindo essas diretrizes, buscamos inicialmente compreender as interpretações de conteúdos emergentes do perfil "*Funkeiros Cults*" que nos mobilizaram acerca do tema discutido neste trabalho.

Figura 5 - Postagem da página "*Funkeiros Cults*" comentando a visão da obra *Iracema*, de José de Alencar, acerca do indígena.



Fonte: Perfil do *Instagram* "*Funkeiros Cults*".¹⁸

¹⁸ Disponível em <<https://www.instagram.com/funkeiroscults>>. Acesso em 05 de julho de 2023.

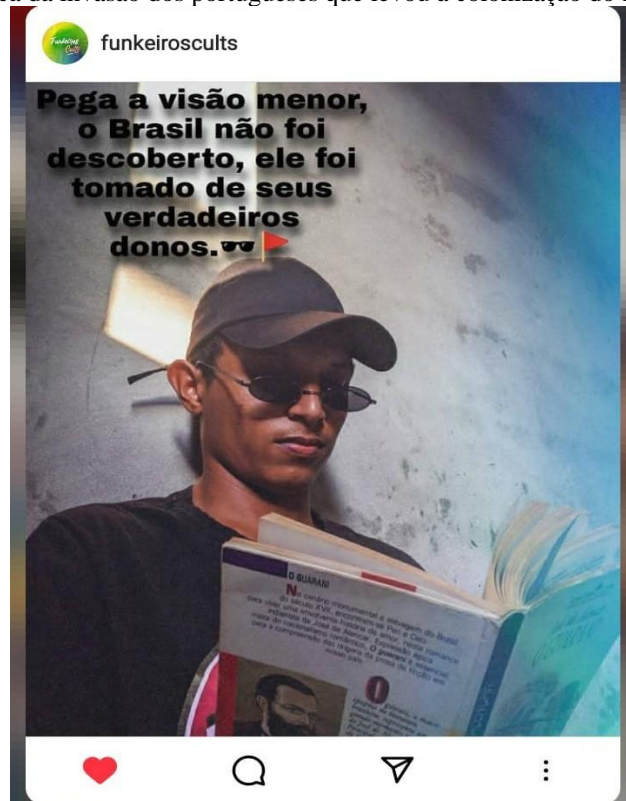
A literatura brasileira é rica em obras que retratam a diversidade cultural do país. No entanto, nem sempre essas representações são precisas ou livres de estereótipos. Um exemplo disso é a obra *Iracema*, do escritor brasileiro José de Alencar. Publicado em 1865, o romance é ambientado no período colonial e apresenta uma narrativa que mistura elementos históricos com a mitologia indígena. Embora tenha sido aclamado como um dos grandes clássicos da literatura nacional, *Iracema* também levanta questões sobre a representação dos povos indígenas e a visão distorcida que muitas vezes permeia as obras literárias.

No centro da trama de *Iracema* está a personagem homônima, uma índia tabajara que se apaixona pelo colonizador português Martim. O romance entre os dois é apresentado como um símbolo da união entre os povos indígenas e os colonizadores europeus, uma visão romantizada da colonização que ignora as complexidades e conflitos reais produzidos pela invasão e colonização do Brasil. Além disso, a figura de Iracema é frequentemente idealizada como a representação da pureza e da inocência, reforçando estereótipos sobre a feminilidade e a fragilidade das mulheres indígenas.

Outro aspecto problemático da representação indígena em *Iracema* é a forma como os povos nativos são retratados como selvagens primitivos, em contraste com a suposta civilização trazida pelos colonizadores europeus. Os indígenas são frequentemente descritos como seres exóticos, misteriosos e submissos à vontade dos brancos, perpetuando uma narrativa de inferioridade e subjugação que serviu para justificar a colonização e a exploração dos povos nativos.

Dito isso, a postagem da "*Funkeiros Cults*" explora justamente a visão misógina e eurocentrada, que também é do nosso tempo, quando traz a frase "Esses desbotado sem visão quer emocionar até pra cima da mestiçagem", trazendo a obra como mais um movimento de estereotipação e diminuição dos povos originários, neste caso, através da literatura.

Figura 6 - Postagem da página “*Funkeiros Cults*” ensinando com base na obra *O Guarani*, de José de Alencar, acerca da invasão dos portugueses que levou à colonização do Brasil.



Fonte: Perfil do *Instagram* “*Funkeiros Cults*”.¹⁹

A frase "Pega a visão, menor, o Brasil não foi descoberto, ele foi tomado dos seus verdadeiros donos" utiliza uma linguagem coloquial, marcada pelo uso do termo "menor" e da expressão "pega a visão", que têm origem nas periferias urbanas e frequentemente são associadas ao linguajar juvenil. Essa forma de comunicar é significativa para o nosso trabalho, pois sugere que a crítica à narrativa oficial já ultrapassa os círculos acadêmicos e foi apropriada e difundida nas camadas populares, especialmente entre os jovens.

O uso da palavra "tomado" ao invés de "descoberto" reflete uma reinterpretação histórica a qual atesta o processo violento que se constituiu a colonização. A expressão "verdadeiros donos" reitera que os povos indígenas tinham soberania sobre suas terras e que a colonização representou uma usurpação ilegítima desse território.

A frase analisada é representativa de um movimento de ressignificação histórica e cultural que está ganhando força no Brasil, sobretudo através das redes sociais. Ao desafiar a narrativa tradicional, ela promove uma conscientização crítica sobre as raízes do colonialismo

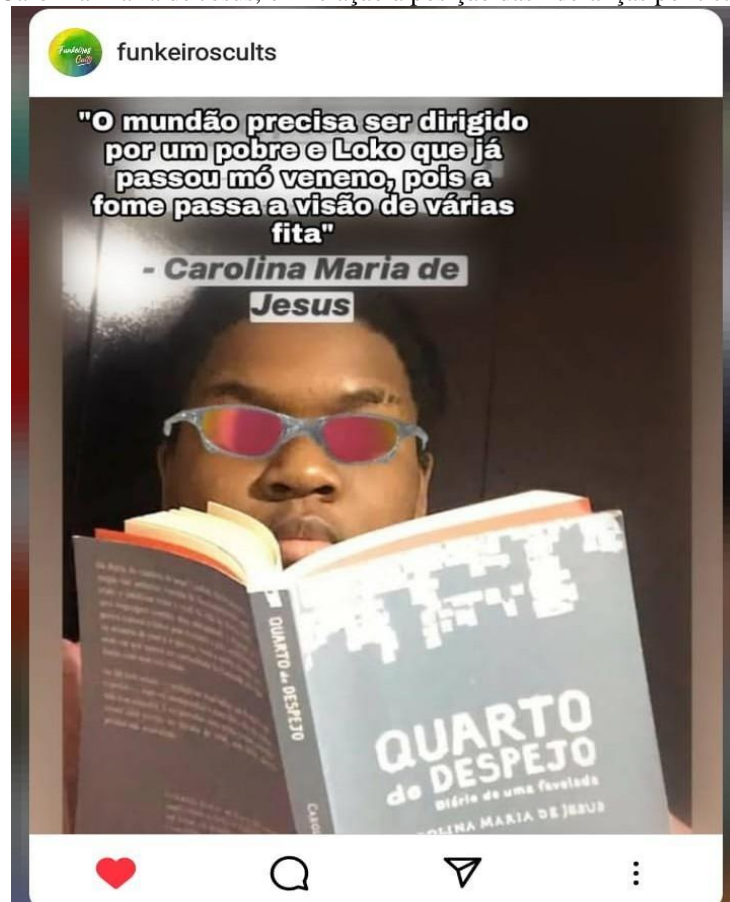
¹⁹ Disponível em <<https://www.instagram.com/funkeiroscults>>. Acesso em 05 de julho de 2023.

e suas consequências duradouras que refletem na sociedade contemporânea. Isso é particularmente relevante em um contexto de crescentes demandas por reparação histórica e reconhecimento dos direitos indígenas e afrodescendentes.

Além disso, a popularização desse discurso nas periferias urbanas, através do objeto desta pesquisa, aponta para uma ampliação do debate sobre justiça social, onde os jovens, especialmente os mais marginalizados, começam a questionar ativamente as estruturas de poder que moldam suas vidas. Esse fenômeno pode ser interpretado como uma forma de resistência cultural, onde a linguagem se torna uma ferramenta de empoderamento e de reconstrução da memória coletiva.

Nesses termos, a frase "Pega a visão, menor! O Brasil não foi descoberto, ele foi tomado dos seus verdadeiros donos" presente na postagem do perfil "*Funkeiros Cults*" traz, no seu discurso, uma crítica potente à uma concepção de história oficial do Brasil e aponta para uma reinterpretação do processo de colonização. Ela destaca a importância do discurso popular na construção de novas narrativas históricas que incluam as perspectivas dos povos historicamente oprimidos.

Figura 7 - Postagem da página “*Funkeiros Cults*” adaptando um trecho da obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, em relação à posição das lideranças políticas.



Fonte: Perfil do Instagram “*Funkeiros Cults*”.²⁰

²⁰ Disponível em <<https://www.instagram.com/funkeiroscults>>. Acesso em 05 de julho de 2023.

Quarto de Despejo (1960) é um relato autobiográfico escrito por Maria Carolina de Jesus, uma mulher negra e moradora da favela do Canindé, em São Paulo, durante a década de 1950. O livro é um registro detalhado e visceral das condições de pobreza extrema e das dificuldades enfrentadas pela autora e sua comunidade.

Maria Carolina narra sua vida cotidiana, marcada pela fome, a falta de saneamento básico, a violência, a discriminação racial e a luta constante pela sobrevivência. Ela descreve as precárias condições de moradia em seu barraco, onde vive com seus três filhos, e relata suas batalhas diárias para conseguir comida e trabalho.

Apesar das adversidades, Maria Carolina demonstra uma forte determinação em melhorar sua condição de vida, buscando oportunidades de emprego e educação para seus filhos. Seu relato é marcado por uma escrita direta e franca, que revela tanto sua força interior quanto a crueldade da realidade enfrentada pela população marginalizada.

Quarto de Despejo foi um sucesso de público e crítica no seu tempo, tornando-se um dos livros mais importantes da literatura brasileira. Ele oferece um poderoso testemunho das desigualdades sociais e das lutas enfrentadas pelos pobres urbanos no Brasil, além de destacar a resiliência e a humanidade daqueles que vivem à margem da sociedade.

Nesses termos, a postagem representada pela imagem acima nos diz sobre a importância de existir lideranças que tenham experienciado em primeira pessoa o que é viver no contexto apresentado na obra. Esse tipo de experiência fornece uma visão implicada, ou seja, de quem viveu e precisou se mobilizar nessa situação, de mundo e mais sensível ao que a população em geral lida no cotidiano.

Figura 8 - Postagem da página “*Funkeiros Cults*” comentando sobre o que pensa da obra *A radical imaginação política das mulheres negras brasileiras* em relação ao apagamento da história das mulheres, bem como do seu posicionamento político.



Fonte: Perfil do Instagram “*Funkeiros Cults*”.²¹

A história política do Brasil tem sido moldada por uma miríade de movimentos sociais e ativistas que desafiam as estruturas de poder dominantes. Entre esses grupos, as mulheres brasileiras emergem como agentes de mudança significativos, cujas vozes e ações têm impulsionado uma narrativa de resistência e transformação. A obra *A radical imaginação política das mulheres negras brasileiras* (2021) surge como uma exploração vital e oportuna desse fenômeno, destacando o papel central das mulheres na luta por justiça, igualdade e liberdade.

Escrito por autoras que são especialistas no assunto, o livro mergulha nas experiências e contribuições das mulheres brasileiras ao longo da história, desde os tempos coloniais até os dias atuais. Ele oferece uma análise multifacetada e interdisciplinar, abordando questões de gênero, raça, classe, sexualidade e política, e revela como as mulheres têm sido agentes-chave na configuração do panorama político do Brasil.

A obra enfatiza a exploração da imaginação política das mulheres brasileiras,

²¹ Disponível em <<https://www.instagram.com/funkeiroscults>>. Acesso em 05 de julho de 2023.

ressaltando sua participação em formas de resistência criativa e inovadora, que desafiam as normas e instituições estabelecidas através de movimentos de base, ativismo comunitário, arte, literatura, música e mídia. Além disso, o livro aborda as interseccionalidades presentes na luta das mulheres, reconhecendo as complexas interações entre identidades e sistemas de opressão e destacando a importância de uma abordagem holística e inclusiva. A solidariedade e colaboração entre as mulheres também são temas centrais, mostrando como elas se unem em coalizões e movimentos coletivos, transcendendo fronteiras geográficas, étnicas e sociais, em busca de justiça e igualdade.

Além de analisar o passado e o presente, *A radical imaginação política das mulheres brasileiras* também lança um olhar para o futuro. Ele inspira os leitores a imaginar e trabalhar em direção a um Brasil mais justo e igualitário, onde todas as mulheres possam desfrutar de plenos direitos e oportunidades.

Ao destacar as vozes e experiências das mulheres, a obra desafia as narrativas dominantes e oferece uma visão mais inclusiva e autêntica da política brasileira, e é a esse aspecto que a postagem se refere quando diz “As Mulheres negras sempre tiveram no corre! E muitas vivências e histórias delas foram apagadas”.

Figura 9 - Postagem da página “*Funkeiros Cults*” fazendo alusão ao poema *Vou-me Embora pra Pasárgada*, de Manuel Bandeira.



Fonte: Perfil do *Instagram* “*Funkeiros Cults*”.²²

O poema *Vou-me Embora pra Pasárgada* é uma das obras mais emblemáticas da literatura brasileira do século XX, escrita pelo renomado poeta Manuel Bandeira. Publicado pela primeira vez em 1930, este poema tem resistido ao teste do tempo, continuando a encantar e provocar reflexões profundas sobre a natureza da felicidade e da utopia.

A estrutura poética de *Vou-me Embora pra Pasárgada* é simples, mas sua mensagem é profundamente evocativa. Composta por estrofes curtas e versos livres, a linguagem direta e acessível de Bandeira permite que o leitor mergulhe nas imagens vívidas que ele cria. O título em si já sugere uma jornada, uma fuga da realidade mundana em direção a um lugar imaginário, Pasárgada, um local que transcende as limitações e as angústias da existência cotidiana.

No poema, Pasárgada é retratada como uma espécie de Éden pessoal, um refúgio utópico onde todos os desejos e anseios são realizados. Bandeira descreve um lugar onde não existem angústias quanto a dinheiro ou status social, onde o tempo não é uma preocupação e onde a liberdade e a felicidade reinam supremas. Essa representação idílica de Pasárgada serve como um contraste vívido com a realidade imperfeita e muitas vezes cruel do mundo real.

No entanto, por trás da aparente simplicidade e otimismo do poema, há uma profunda reflexão sobre a natureza da felicidade e da busca humana pela utopia. Ao expressar o desejo de "viver sem fazer contas, / De me atirar nos braços / Do primeiro que passa", Bandeira sugere uma renúncia às preocupações mundanas em favor de uma existência mais autêntica e plena. Ele nos lembra que a verdadeira felicidade não é encontrada na busca implacável por riquezas ou poder, mas sim na apreciação das pequenas alegrias da vida e na conexão com os outros seres humanos.

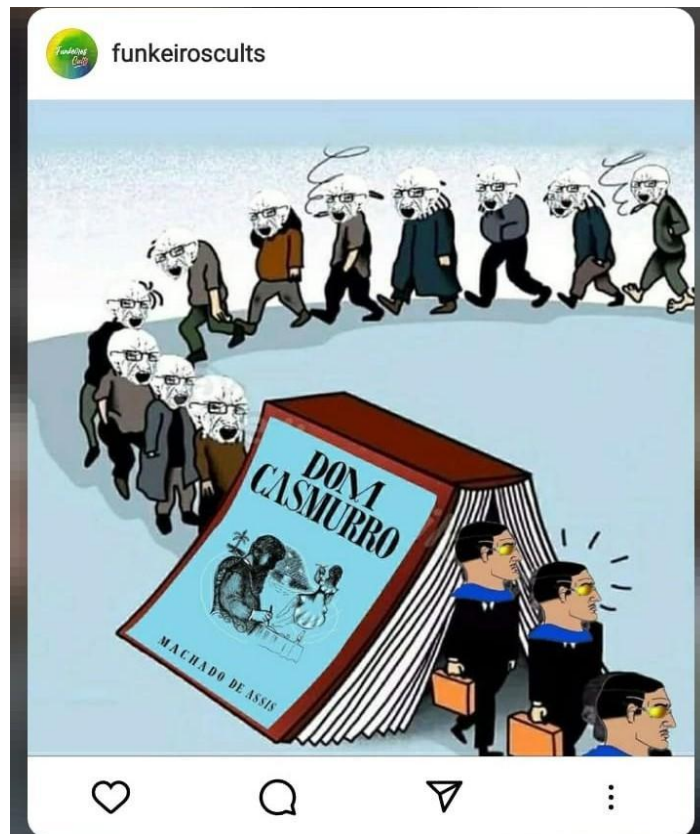
Além disso, a escolha do poeta de retratar Pasárgada como um lugar imaginário e inalcançável também levanta questões sobre a própria natureza da utopia. Seria Pasárgada um lugar real, ou simplesmente uma projeção dos desejos e aspirações de cada indivíduo? É possível alcançar verdadeiramente a felicidade completa, ou ela sempre permanecerá além de nosso alcance, como Pasárgada no horizonte?

Vou-me Embora pra Pasárgada continua a ressoar com os leitores hoje porque fala

²² Disponível em <<https://www.instagram.com/funkeiroscults>>. Acesso em 05 de julho de 2023.

diretamente à nossa busca constante por significado e satisfação em um mundo muitas vezes caótico e desafiador. Na postagem do “*Funkeiros Cults*” percebemos que, tal qual descreve Manuel Bandeira, apesar das lutas e dificuldades da vida, todos queremos encontrar momentos e lugares de alegria e beleza em que podemos encontrar nossa própria versão de Pasárgada.

Figura 10 - Postagem da página “*Funkeiros Cults*” sobre como a leitura, no caso da imagem, de Machado de Assis, pode fazer pessoas mudarem intelectual e culturalmente.



Fonte: Perfil do Instagram “*Funkeiros Cults*”.²³

Machado de Assis é um dos mais proeminentes escritores da literatura brasileira, e sua obra-prima, *Dom Casmurro*, figura entre os mais importantes romances já escritos no país. A importância da leitura de Machado de Assis, e especificamente de *Dom Casmurro*, transcende seu valor meramente literário, alcançando aspectos históricos, socioculturais e psicológicos.

Publicado em 1899, *Dom Casmurro* é uma obra muito valorizada do Realismo brasileiro. A narrativa é contada pelo protagonista, Bento Santiago, mais conhecido como Dom Casmurro, que relembra sua vida, suas memórias e, em particular, sua conturbada

²³ Disponível em <<https://www.instagram.com/funkeiroscults>>. Acesso em 05 de julho de 2023.

relação com Capitu, sua amada e, possivelmente, traidora esposa. A trama é permeada por questões de ciúme, dúvida e paranoia, enquanto o leitor é levado a questionar a veracidade das memórias e das interpretações do narrador.

Uma das razões pelas quais *Dom Casmurro* continua a ser tão relevante é sua profunda exploração das complexidades das relações humanas. A obra de Machado de Assis transcende o tempo e o espaço, oferecendo insights atemporais sobre temas como amor, traição, lealdade e identidade. A dúvida que permeia a narrativa – a famosa questão "Capitu traiu Bentinho?" – ressoa com os leitores ao longo dos anos, provocando discussões acaloradas e análises minuciosas.

Figura 11 - Postagem da página “*Funkeiros Cults*” sobre a grande questão envolvendo a obra de Machado de Assis, *Dom Casmurro*, acerca da possível traição de Capitu.



Fonte: Perfil do *Instagram* “*Funkeiros Cults*”.²⁴

Outro aspecto fundamental de *Dom Casmurro* é seu desafio à percepção da realidade. O narrador, Dom Casmurro, é uma figura complexa, cujas memórias e interpretações são questionáveis. Através de sua narrativa, Machado de Assis nos leva a questionar a natureza da verdade, a confiabilidade da memória e a subjetividade da percepção. Essa exploração da

²⁴ Disponível em <<https://www.instagram.com/funkeiros cults>>. Acesso em 05 de julho de 2023.

natureza da realidade continua a fascinar os leitores, convidando-os a mergulhar nas profundezas da psique humana.

Além de suas questões universais, *Dom Casmurro* oferece uma profunda reflexão sobre a sociedade brasileira do século XIX. Machado de Assis, com sua perspicácia característica, retrata as complexidades das relações sociais, as hierarquias de classe e as contradições morais que permeavam a época. A obra serve como um espelho para a sociedade da época, enquanto também lança luz sobre questões que ainda ressoam na sociedade contemporânea.

Figura 12 - Postagem da página “*Funkeiros Cults*” sobre a vida “Kafkiana” no final de semana e na segunda-feira.



Fonte: Perfil do Instagram “*Funkeiros Cults*”.²⁵

A obra *A Metamorfose* (1915), de Franz Kafka, é uma poderosa metáfora que ressoa profundamente com as questões contemporâneas relacionadas à exploração no local de trabalho. Embora escrita há mais de um século, a história de Gregor Samsa, que acorda transformado em um inseto gigante, continua a ser relevante para discutir as dinâmicas de

²⁵ Disponível em <<https://www.instagram.com/funkeiroscults>>. Acesso em 05 de julho de 2023.

poder, alienação e desumanização presentes no mundo do trabalho atual.

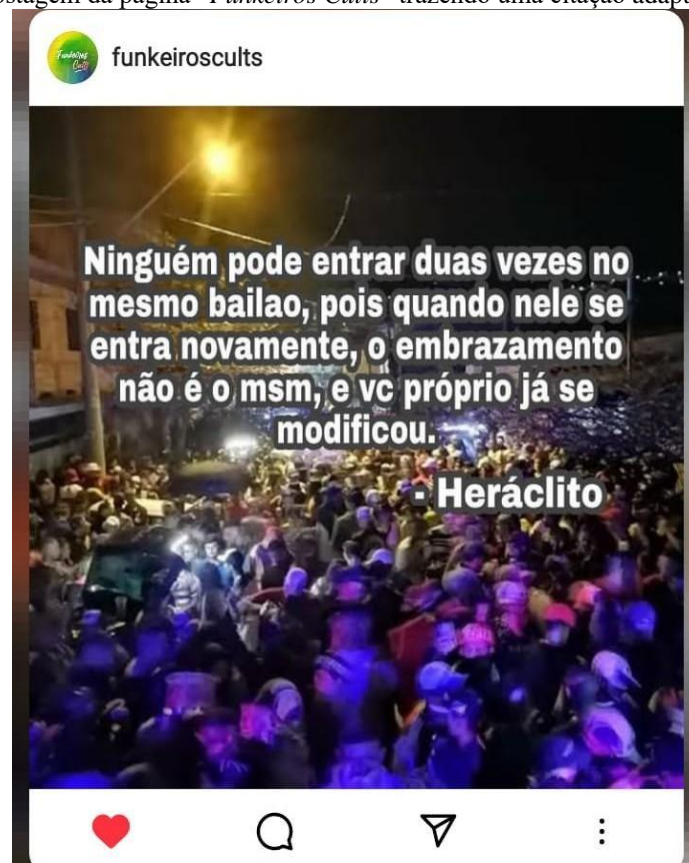
Uma das principais conexões entre *A Metamorfose* e a exploração do trabalho contemporâneo é a representação da desumanização dos trabalhadores. Assim como Gregor é tratado como uma aberração por sua família após sua transformação, muitos trabalhadores modernos enfrentam situações onde são reduzidos a meros recursos produtivos, desprovidos de suas identidades e dignidades humanas.

Além disso, a obra também aborda a alienação do trabalhador dentro do ambiente de trabalho. Gregor se sente cada vez mais isolado e desconectado de sua família e do mundo exterior à medida que sua transformação o distancia das relações humanas normais. De maneira semelhante, muitos trabalhadores contemporâneos experimentam alienação em seus empregos, seja devido à falta de sentido em suas tarefas, à falta de autonomia ou ao distanciamento das relações interpessoais significativas.

Outro aspecto importante é a exploração do tema da culpa. Gregor se sente constantemente culpado por não conseguir cumprir suas responsabilidades como provedor da família após sua transformação. Essa sensação de culpa, muitas vezes injustificada, reflete a pressão insustentável colocada sobre os trabalhadores contemporâneos para atender às expectativas irrealistas dos empregadores e da sociedade em geral.

A obra de Franz Kafka, evidenciada na postagem, oferece uma lente poderosa para examinar as complexidades e injustiças do trabalho contemporâneo, potencializada pelo *meme* em destaque. Ao destacar temas como desumanização, alienação, culpa e descarte, a obra continua a ressoar como um alerta sobre os perigos da exploração nas relações de trabalho e a importância de se lutar por condições de trabalho mais justas e humanas.

Figura 13 - Postagem da página “*Funkeiros Cults*” trazendo uma citação adaptada de Heráclito.



Fonte: Perfil do *Instagram* “*Funkeiros Cults*”.²⁶

A partir desse *meme*, exploramos como a reformulação do aforismo atribuído a Heráclito não só atualiza o pensamento do autor original para uma realidade contemporânea, mas também evidencia a elasticidade da linguagem e sua capacidade de ressignificação. Além disso, é possível discutir as implicações culturais, filosóficas e linguísticas dessa adaptação no contexto da cultura digital.

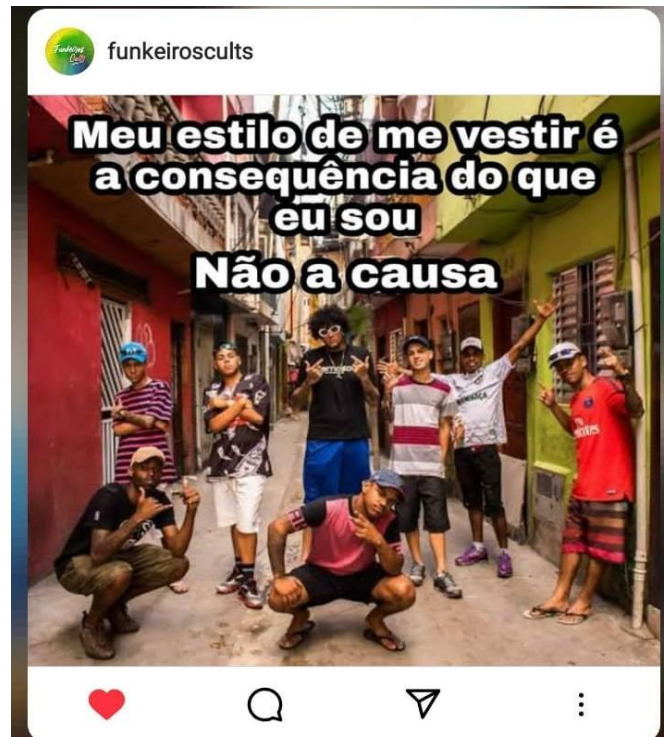
A substituição do termo "rio" pelo "bailão" no aforismo adaptado é carregada de implicações culturais pertinentes à nossa pesquisa. O "bailão", enquanto espaço popular, conota um ambiente dinâmico, onde pessoas interagem de maneira intensa, refletindo as constantes mudança e renovação presentes no pensamento de Heráclito. Essa substituição também aproxima o aforismo de um público não somente contemporâneo, mas imerso na cultura do funk, utilizando uma imagem que faz parte do imaginário coletivo moderno.

O termo "embrasamento" é particularmente interessante nesse *meme* pois, no contexto de um bailão, pode ser entendido como uma metáfora para o entusiasmo ou a energia vital, que nunca é exatamente a mesma em duas experiências diferentes. Desse modo, a frase

²⁶ Disponível em <<https://www.instagram.com/funkeiros cults>>. Acesso em 05 de julho de 2023.

sugere que, assim como o rio de Heráclito, o bailão (e por extensão, qualquer situação ou experiência) está em constante transformação, assim como o indivíduo que participa dele.

Figura 14 - Postagem da página “*Funkeiros Cults*” exaltando a forma de vestir dos seus adeptos enquanto reflexo de uma expressão cultural.



Fonte: Perfil do *Instagram* “*Funkeiros Cults*”.²⁷

A cultura *funk* transcende o mero gênero musical para se tornar uma expressão artística abrangente, incorporando música, dança, linguagem, arte visual e, é claro, moda. A moda própria ao *funk* é caracterizada por sua autenticidade, ousadia e criatividade, refletindo a atitude irreverente e a energia contagiante do movimento.

Vestir-se de acordo com os códigos da cultura *funk* é mais do que uma simples escolha de roupa; é uma afirmação de identidade e orgulho cultural para aqueles que pertencem a comunidades historicamente marginalizadas. A moda *funk* oferece uma forma de empoderamento, permitindo que as pessoas reivindiquem sua existência e resistam ao processo de apagamento cultural engendrado pelos grupos dominantes.

Além disso, a moda *funk* proporciona uma plataforma para expressão individual sem precedentes. Não há regras rígidas ou normas a serem seguidas; em vez disso, é um convite para ser ousado, criativo e autêntico. Cada indivíduo pode interpretar os elementos da cultura

²⁷ Disponível em <<https://www.instagram.com/funkeiroscults>>. Acesso em 05 de julho de 2023.

funk de maneira única, criando um mosaico colorido de estilos e personalidades.

Ao adotar a moda *funk*, as pessoas também se conectam com uma comunidade maior. É uma linguagem compartilhada que une pessoas de diferentes origens e experiências em torno de uma identidade comum, criando um senso de pertencimento e solidariedade.

Ademais, a moda *funk* desafia as normas estabelecidas de beleza, classe e comportamento, muitas vezes assumindo uma dimensão política. Vestir-se de maneira provocativa e não convencional é uma forma de desafiar as estruturas de poder dominantes e reivindicar espaço na sociedade.

No entanto, é importante reconhecer que a moda *funk* também pode ser alvo de estigmatização e discriminação. O estilo extravagante e ousado às vezes é mal compreendido ou rotulado como vulgar por aqueles que não entendem sua importância cultural. Portanto, é crucial combater esses preconceitos e promover uma apreciação mais ampla da riqueza e da diversidade da moda *funk*.

Figura 15 - Postagem da página “*Funkeiros Cults*” compartilhando o projeto fotográfico do perfil “*Favelagrafia*”, no qual os moradores estão carregando instrumentos musicais.



Fonte: Perfil do *Instagram* “*Funkeiros Cults*”.²⁸

²⁸ Disponível em <<https://www.instagram.com/funkeiroscults>>. Acesso em 05 de julho de 2023.

Exaltar a cultura *funk* através da moda, como foi visto aqui, é uma forma de celebração e resistência. É um lembrete poderoso da vitalidade e da criatividade das comunidades que a criaram e a sustentam, abrindo caminho para um futuro mais inclusivo e vibrante.

Além da moda, o *funk* se expressa de diversas formas, contribuindo para uma cultura rica e multifacetada. A música, é claro, é o coração pulsante desse movimento. Com suas batidas contundentes, letras provocativas e ritmos cativantes, o *funk* é mais do que apenas entretenimento; é um reflexo da vida nas comunidades urbanas, abordando questões sociais, políticas e pessoais de forma direta e autêntica.

A dança é outra manifestação vital do *funk*. Dançar é uma forma de expressão visceral e poderosa, permitindo que os participantes se conectem com a música de maneira física e emocional. As pistas de dança *funk* são espaços de liberdade e celebração, onde pessoas de todas as idades e origens podem se unir em movimento e ritmo.

A linguagem também desempenha um papel crucial na cultura *funk*. O vocabulário único e expressivo do *funk* é uma mistura de gírias, jargões e expressões criadas e popularizadas pelas comunidades que o cultivam. Essa linguagem distinta é uma parte essencial da identidade *funk*, servindo como um código compartilhado entre os participantes do movimento.

Figura 16 - Postagem da página “*Funkeiros Cults*” compartilhando o projeto fotográfico do perfil “Favelagrafia”.



Fonte: Perfil do *Instagram* “*Funkeiros Cults*”.²⁹

A arte visual, incluindo grafite, pintura, design e moda, também é uma forma importante de expressão dentro da cultura *funk*. As ruas das comunidades *funk* são frequentemente adornadas com murais coloridos e vibrantes, refletindo não apenas a criatividade de seus criadores, mas também os valores e as aspirações da comunidade.

Além disso, o *funk* é um fenômeno cultural que vai além das fronteiras do Brasil. Sua influência pode ser vista em todo o mundo, inspirando artistas, músicos, dançarinos e estilistas em diferentes países e contextos. Essa difusão global é um testemunho do poder e da ressonância da cultura *funk* como uma forma de expressão universal.

A cultura *funk* é um manancial de criatividade, autenticidade e resistência. Suas

²⁹ Disponível em <<https://www.instagram.com/funkeiroscults>>. Acesso em 05 de julho de 2023.

diversas formas de expressão, incluindo moda, música, dança, linguagem e arte visual, não apenas enriquecem as comunidades que as produzem, mas também inspiram e influenciam pessoas em todo o mundo. Ao celebrar e exaltar a cultura *funk* em todas as suas formas, estamos reconhecendo e honrando a vitalidade e a contribuição duradoura dessas comunidades para o panorama cultural não somente nacional, mas global.

A cultura do *funk*, com sua música vibrante e suas raízes profundas na comunidade, tem sido objeto de muita controvérsia quando se trata de sua presença nas escolas. Enquanto alguns a veem como uma expressão legítima da identidade e da criatividade das comunidades marginalizadas, outros a consideram como algo que pode influenciar negativamente os jovens. No entanto, é importante reconhecer que o *funk* é muito mais do que apenas música; é um fenômeno cultural que reflete as realidades sociais, econômicas e políticas das comunidades em que nasceu.

Figura 17 - Postagem da página “*Funkeiros Cults*” em que se discute a função da Literatura nos processos de aprendizagem.



Fonte: Perfil do *Instagram* “*Funkeiros Cults*”.³⁰

Apesar de sua popularidade entre os jovens, a cultura do *funk* enfrenta muitos

³⁰ Disponível em <<https://www.instagram.com/funkeiroscults>>. Acesso em 05 de julho de 2023.

obstáculos quando se trata de ser reconhecida e aceita nas escolas. Muitas instituições educacionais veem o *funk* como algo vulgar, violento ou inapropriado e, com isso, o proíbem dentro de suas instalações. Essa atitude cria um fosso entre a escola e a comunidade, alienando os alunos e desvalorizando suas experiências e identidades culturais.

Além disso, há uma preocupação legítima entre alguns educadores e pais sobre o conteúdo das letras do *funk*, que às vezes podem conter linguagem explícita ou temas adultos. No entanto, é importante entender que censurar o *funk* não resolve essas questões; em vez disso, é importante abrir espaço para um diálogo aberto e educacional sobre os temas abordados nas músicas e suas implicações na sociedade.

Figura 18 - Postagem da página “*Funkeiros Cults*” na qual se incentiva a leitura de livros e a prática de empinar motos.



Fonte: Perfil do *Instagram* “*Funkeiros Cults*”.³¹

Apesar dos desafios, há também muitas oportunidades para integrar a cultura do *funk* de maneira positiva na educação. Em vez de reprimir essa forma de expressão, as escolas podem adotar uma abordagem mais inclusiva, reconhecendo o valor cultural do *funk* e incorporando-o em atividades curriculares e extracurriculares.

Por exemplo, as aulas de música podem explorar a história e a evolução do *funk* como

³¹ Disponível em <<https://www.instagram.com/funkeiroscults>>. Acesso em 05 de julho de 2023.

um gênero musical, analisando suas raízes africanas, sua influência na cultura popular e sua capacidade de promover a resistência e a resiliência nas comunidades marginalizadas. Da mesma forma, as aulas de Literatura podem examinar as letras das músicas de *funk* como forma de compreender as realidades sociais e políticas do Brasil contemporâneo.

Figura 19 - Postagem da página “*Funkeiros Cults*” anunciando uma *live* para discutir as diversas formas de poesia que estão na cultura e que não são percebidas como tal.



Fonte: Perfil do Instagram Funkeiros Cults.³²

Além disso, as escolas podem promover eventos culturais que celebrem o *funk*, como apresentações de dança, workshops de música e painéis de discussão com artistas locais. Isso não apenas ajuda a valorizar a cultura local, mas também oferece aos alunos uma oportunidade de se envolverem de forma significativa com sua comunidade e sua própria identidade cultural.

³² Disponível em <<https://www.instagram.com/funkeiroscults>>. Acesso em 05 de julho de 2023.

Figura 20 - Postagem da página “*Funkeiros Cults*” trazendo a função social das Ciências Sociais e da Filosofia.



Fonte: Perfil do Instagram “*Funkeiros Cults*”.³³

A cultura do *funk* é uma parte intrínseca da identidade e da experiência das comunidades marginalizadas no Brasil. Em vez de rejeitá-la, as escolas têm a oportunidade de abraçá-la e incorporá-la de maneira positiva na educação de seus alunos. Ao reconhecer o valor cultural do *funk* e criar espaços para sua expressão, as escolas podem ajudar a promover um ambiente mais inclusivo, diversificado e engajado, onde todos os alunos se sintam valorizados e representados.

A cultura do *funk* tem desempenhado um papel significativo na vida dos jovens brasileiros, especialmente nas áreas urbanas. Nas últimas décadas, o *funk* se estabeleceu como um dos gêneros musicais mais populares do país, refletindo não apenas os ritmos vibrantes, mas também as realidades sociais e culturais das comunidades em que floresce. Surpreendentemente, ele tem encontrado seu espaço dentro das escolas, não apenas como forma de entretenimento, mas também como ferramenta de educação e letramento.

A importância do *funk* para o processo de letramento nas escolas está relacionada à sua capacidade de conectar-se com os alunos de maneira autêntica e relevante. Muitos jovens

³³ Disponível em <<https://www.instagram.com/funkeiroscults>>. Acesso em 05 de julho de 2023.

se identificam com as letras e os temas abordados nas músicas de *funk*, que muitas vezes tratam de questões como desigualdade social, violência, amor, sexualidade e identidade cultural. Ao incorporar o *funk* no ambiente escolar, os educadores podem capitalizar esse interesse dos alunos para promover o desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita e análise crítica.

Uma abordagem pedagógica que utiliza o *funk* como recurso de letramento reconhece que a cultura popular é uma parte integrante da vida dos estudantes e, portanto, pode ser uma ponte para o aprendizado acadêmico. Por exemplo, ao analisar as letras das músicas de *funk*, os alunos podem praticar a interpretação de texto, identificar figuras de linguagem, discutir temas sociais e refletir sobre diferentes perspectivas. Além disso, a escrita criativa pode ser estimulada por meio da produção de letras de *funk* próprias, incentivando os alunos a expressarem suas ideias e experiências de forma artística.

Figura 21 - Postagem da página “*Funkeiros Cults*” propondo uma aula de Língua Portuguesa com uma expressão do cotidiano.



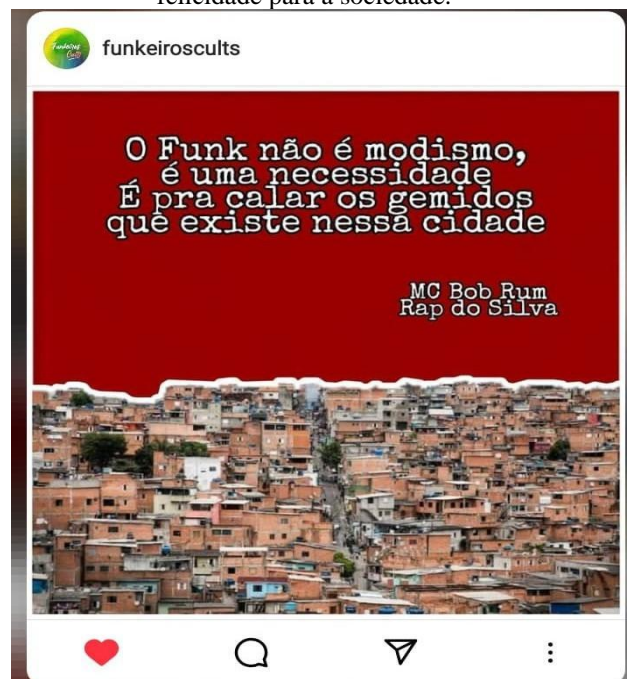
Fonte: Perfil do *Instagram* “*Funkeiros Cults*”.³⁴

É importante ressaltar que a integração do *funk* na escola não se trata apenas de usar as músicas como ferramentas de ensino, mas também de reconhecer o valor cultural do gênero e de suas comunidades de origem. Isso envolve respeitar e valorizar as vozes dos artistas de *funk* e das comunidades em que o gênero é produzido, bem como promover discussões sobre questões de representatividade, estereótipos e preconceitos.

³⁴ Disponível em <<https://www.instagram.com/funkeiroscults>>. Acesso em 05 de julho de 2023.

Além disso, ao incluir o *funk* no currículo escolar, as instituições de ensino têm a oportunidade de fomentar o diálogo intercultural e combater a discriminação. O *funk* é uma expressão cultural predominantemente associada às comunidades periféricas e historicamente marginalizadas, e sua valorização na escola pode contribuir para a promoção da diversidade e da inclusão.

Figura 22 - Postagem da página “*Funkeiros Cults*” sobre a importância do *funk* para trazer um momento de felicidade para a sociedade.



Fonte: Perfil do *Instagram* “*Funkeiros Cults*”.³⁵

No entanto, é importante ressaltar que a integração do *funk* na escola requer uma abordagem sensível e cuidadosa. Os educadores devem estar atentos à diversidade de opiniões e perspectivas dentro da comunidade escolar, garantindo que as atividades relacionadas ao *funk* sejam inclusivas e respeitosas.

A cultura do *funk* tem um potencial significativo para enriquecer o processo de letramento nas escolas, oferecendo uma maneira dinâmica e relevante de engajar os alunos. Ao reconhecer e valorizar a importância do *funk* como expressão cultural legítima, as escolas podem promover um ambiente de aprendizado mais inclusivo e conectado com as realidades dos estudantes brasileiros.

Como educadores comprometidos com uma formação relevante para o mundo atual, é essencial irmos além da mera transmissão de conceitos abstratos e da memorização,

³⁵ Disponível em <<https://www.instagram.com/funkeiroscults>>. Acesso em 05 de julho de 2023.

características de um processo educacional que não condiz mais com as demandas contemporâneas. Devemos reconhecer a importância da comunicação através de diferentes linguagens, não apenas a verbal e escrita nos moldes que a tradição tecnicista nos impôs.

Neste contexto, propomos o conceito de potencial formativo (MACEDO, 2020) dos conteúdos compartilhados em rede, especialmente aqueles que narram histórias. Esse conceito pode ser estendido para abranger uma variedade de conteúdos relacionados às oportunidades de aprendizagem como, no contexto deste trabalho, da cultura *funk* através das produções de conteúdo do perfil “*Funkeiros Cults*” no *Instagram*. O potencial formativo, de acordo com Macedo (2020), reflete o fato de que nem toda aprendizagem é imediatamente significativa para os aprendizes; ela é sempre potencial, pois depende da valorização que os sujeitos atribuem às suas próprias práticas cotidianas.

Para além disso, o autor destaca a importância da crise ético-estética no processo de formação. Esta é uma discussão de grande relevância no contexto educacional, e merece ser explorada como um campo de pesquisa em trabalhos futuros. Nesses termos, é essencial compreender a formação não apenas como um conjunto de dispositivos e recursos organizados, mas como uma experiência singular para os aprendizes e suas subjetividades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conclusões e proposições aqui resumidas, além de apresentarem o foco interpretativo da pesquisa, apresentam também um esforço para propor um campo de pesquisa envolvendo elementos ciberculturais e os processos de letramento crítico digital numa perspectiva decolonial. Após expor os argumentos sobre o foco da pesquisa, disserto nesse espaço sobre a contribuição conceitual que abre, entendo, um novo campo de pesquisa na relação entre produções de conteúdo em rede, que relacionam elementos da cultura do *funk* em elementos da cultura acadêmica, mas, também, para além dela.

Através de uma análise hermenêutica fundamentada nas informações adquiridas durante a pesquisa dos *memes* selecionados para análise, temos a convicção de que foram identificados alguns pontos relevantes que merecem ser enfatizados.

Primeiramente, é essencial compreender o potencial formativo de tornar a ciência e o conhecimento acadêmico, originalmente distantes e vastos em relação à nossa vida, em elementos familiares e próximos. Isso ocorre por meio de uma expressão em linguagem própria, concebida na interação com o digital. O desafio reside na interseção entre o intérprete e o conteúdo veiculado, destacando sua interatividade, as articulações de saberes e, por fim, a hibridação entre ser humano e máquina, o mundo cibercultural e seu contexto. Isso evidencia um processo de letramento crítico através de uma aprendizagem significativa, em que o docente enfrenta o desafio de mediar a compreensão desses atores sociais em diversas áreas do conhecimento, incluindo a Literatura. Ao mesmo tempo, busca manifestar-se como um ser inserido em sua época – um parceiro na contemplação e transformação do mundo, contribuindo para a construção de saberes.

Consideramos, a princípio, o entendimento dos aspectos e temas da Literatura através do conteúdo analisado como critério mais importante, trazendo à tona um potencial formacional que aparece de forma recorrente nas postagens como diversos elementos ressignificados por meio de uma lógica multirreferencial e hiperlinkada. Na análise das postagens, é notória a conexão feita entre conhecimentos tidos como de uma cultura erudita com elementos da cultura *funk*.

Emergem aqui, numa inspiração advinda das ideias de Paul Ricoeur, o surgimento de hermenêutas contemporâneos, mediados pelos dispositivos ciberculturais pesquisados. Para mim, enquanto professora de Literatura, foi uma oportunidade de experimentar processos interpretativos com resultados problematizantes e significativos.

Entendemos que esse processo, atrelado a uma perspectiva implicacional do discente com os conteúdos das postagens do perfil do *Instagram* analisado, bem como das produções em redes ciberculturais que relacionam essas narrativas com elementos científicos como os de Literatura, potencializa a compreensão de características que passam despercebidas na sala de aula.

Durante a pesquisa, tornou-se evidente o papel da mediação através do conteúdo produzido, o qual foi influenciado pelas provocações dos dispositivos utilizados. Este fenômeno desencadeou um processo interpretativo inquieto, destacando a natureza dinâmica e reflexiva da experiência recontextualizada.

Além disso, é importante destacar que as redes sociais particularizam este debate devido à singularidade de suas narrativas e a uma característica significativa: a capacidade de se alinhar com a cultura contemporânea dos jovens estudantes. Dessa forma, podemos concluir que nossa escola ainda não está familiarizada com as culturas juvenis que moldam o dia a dia de seus alunos a ponto de estabelecer um diálogo efetivo com essas subjetividades.

Compreendemos que, nos processos de formação, o desejo desempenha um papel fundamental, garantindo que a aprendizagem seja significativa e estimulante, permitindo assim a emergência da criatividade. Nesse sentido, Macedo (2010, p. 56) esclarece que as “errâncias desejantes” e os delírios criativos não devem ser suprimidos em prol de uma ordem educacional rígida, que busca controlar tudo em nome de uma burocracia castradora. A imposição de restrições compulsivas e de prazos rígidos nos processos formativos resulta em repressões, lutos não resolvidos, perversões, desistências e neuroses parciais. Não pode haver verdadeira formação sem o estímulo do desejo.

É importante destacar que as experiências formativas que encontramos ao longo de nosso percurso também estão entrelaçadas com a autoformação. Elas transcendem as lógicas tradicionais e autoritárias, pois os indivíduos são autores de seu próprio processo formativo, um processo que está em constante evolução, moldado por suas experiências, falhas e possibilidades. Eles são, sem dúvida, seres em constante relação consigo mesmos e com os outros, moldados por suas interações e jornadas pessoais.

No âmago dessas considerações, percebemos que estimular o desejo de aprender continua a ser uma questão central nos processos de ensino e aprendizagem. Para isso, é fundamental que tenhamos acesso à experiência do outro como um sujeito que contribui para a formação cultural. Esse é um campo de pesquisa desafiador, especialmente porque os modelos cibernéticos enfrentam o desafio de lidar com a diversidade que agora não espera

permissão para se manifestar. Um exemplo notável é a interação entre as culturas juvenis e os dispositivos contemporâneos que moldam suas formas de existir e interagir no mundo, como o perfil “*Funkeiros Cults*”.

Neste momento, apresentamos, em nossas conclusões, algumas direções para práticas docentes e áreas de pesquisa, integradas de maneira complementar:

1. Organização do uso de conteúdos em rede que conectem elementos das redes sociais com a Literatura, empregando-os como recursos da cultura na educação básica. Isso visa promover uma formação que também esteja alinhada com a cultura contemporânea dos jovens, incluindo suas formas de compreensão e apreciação estética.

2. Desenvolvimento e fundamentação de oficinas sobre o tema abordado na pesquisa, adaptando-as às diferentes faixas etárias e levando em consideração as descobertas deste estudo e suas possíveis conexões com outras áreas do conhecimento.

3. Produção de um livro acessível aos professores da educação básica sobre o potencial lúdico e formativo do fenômeno analisado, com foco no ensino de Literatura, mas com aplicabilidade em outras áreas do conhecimento.

Esta jornada heurística e formativa representou uma significativa experiência para meu desenvolvimento acadêmico e profissional. Reconhecer o potencial didático dessas narrativas interativas é o ponto de partida para explorar as diversas possibilidades educacionais que se abrem a cada dia diante de nós, professores.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **Iracema**. 24. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- ALENCAR, José de. **O Guarani**. São Paulo: Ática, 1996.
- ALVES FILHA, Isnalda Beger de Figueiredo. **Gêneros memes de internet: ampliando ações discursivas e multimodais em esferas públicas digitais**. Orientadora: Úrsula Cunha Anacleto Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2018.
- ALVES FILHA, Isnalda Beger de Figueiredo. **Memes de internet, ação discursiva e letramento crítico na esfera pública digital**. Revista ComSertões – Juazeiro-BA, v.7, n.1, julho-dezembro de 2019.
- ANZALDÚA, G. **Borderlands/La frontera: the new mestiza**. 2. ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- AQUINO, Julio Groppa (Coordenação). **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. (Orgs.) **Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.
- BALBINO, Jéssica. **A cultura do funk: criticado e criminalizado, gênero tornou-se maior movimento da juventude periférica brasileira**. Poços de Caldas – MG, 2021. Colaboração para revista Splash, da UOL. Disponível em <<https://www.uol.com.br/splash/reportagensespeciais/funk-esteticado-caos/#cover>>. Acesso em 30 de outubro de 2021.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n. 11, p. 89-117, maio/agosto 2013.
- BANDEIRA, Manuel. **Libertinagem**. In: Paulo, Pongetti & C., 1930. **Estrela da Manhã**. Rio de Janeiro: s./ed., 1936.
- BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. Cultrix, São Paulo, 2002.
- BENTO, Maria Aparecida S.. **Pactos narcísicos no racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. Orientadora: Iray Carone. Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, 2002.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: _____. **Vários Escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CAVALCANTI, Tiago Muniz. **Neoabolicionismo & direitos fundamentais**. Imprensa: São Paulo, LTr, 2016. 128 p. ISBN: 9788536187570.

CHARTIER, Roger. A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV - CPDOC, vol. 7, n.13, 1994, p. 97-113.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**. São Paulo: Global, 2003.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo. Contexto, 2006.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, jan. /jun. 2002.

DICIONÁRIO AURÉLIO. 2ª Reimpressão. Curitiba: Posigraf, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 85ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

Funkeiros Cults Oficial. Disponível em <

<https://www.instagram.com/funkeiroscults/?hl=pt-br> >. Acesso em 28 de outubro de 2021.

GARFINKEL, Harold. **Studies in ethnomethodologie**. New Jersey: Prentice Hall, 1976.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. **Isis Internacional**, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988.

GROSGOUEL, Ramón. Racismo/Sexismo Epistêmico, Universidades Ocidentalizadas e os quatro Genocídios/Epistemicídios ao longo do século XVI. **Tabula Rasa** [online]. 2013, n.19, pp.31-58. ISSN 1794-2489. Acesso em: 11 jan. 2024.

INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Básica Estadual 2020** [recurso eletrônico]. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2021.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. 428 pp.

ISBN 978-85-7657-084-4.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014. 408 p.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Editora Ática, 2019.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Tradução e posfácio Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

KLEIMAN, Angela. (2008). Os estudos do letramento e a formação do professor de língua materna. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 8, n.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. 112 p. (Série Educação em ação). ISBN 850804383X.

LAPASSADE, Georges. **L'ethnossociologie**. Paris: Méridiens Klicksieck, 1991.

LDB. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

LOURENÇO, Ana Carolina; FRANCO, Anielle. **A radical imaginação política das mulheres negras brasileiras**. 1ª ed. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2021.

MACEDO, Roberto Sidnei; BARBOSA, Joaquim Gonçalves; BORBA, Sérgio (org.). **Jaques Ardoino e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Coleção Pensadores & Educação).

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica/etnopesquisa-formação**. Série Pesquisa. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

MACEDO, Társio. **Experiências formativas em História no YouTube inspiradas na série televisiva Game of Thrones**. UFBA, 2020. Tese de doutorado.

MIRANDA, Eduardo O. Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Salvador: EDUFBA, 2020.

MIZRAHI, Mylene. “O Rio de Janeiro é uma terra de homens vaidosos”: mulheres, masculinidade e dinheiro junto ao funk carioca. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 52, 2018.

MORTATTI, M. R. L. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. **Cadernos CEDES (Cultura escolar: história, práticas e representações)**, Campinas, n. 52, p. 41-54, 2000.

OLIVEIRA, A. V.; SANTOS, L. S. C.; KUABARA, S. Y. **Transformando o ensino de literatura: uma reflexão sobre tradição e eurocentrismo**. Diálogo das Letras, Rio Grande do Norte, v. 05, n. 01, p. 160-174, jan./jun. 2016.

OLIVEIRA, Marília Flores Seixas de; OLIVEIRA, Orlando J. R. de; OLIVEIRA, Joaquim F. Seixas de. **Linguagem e cultura visual na contemporaneidade**. Museu Pedagógico, XII Colóquio Nacional e V Colóquio Internacional do Museu Pedagógico, 26 a 29 de setembro, 2017.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações**. Porto: Rés-Editora, 1988.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 128 p.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. **A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório**. Universidade de São Paulo, Estudos de Psicologia, 2003.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Conferências sobre leitura/ trilogia pedagógica**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. 102p.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOTERO, Elaine; COUTINHO, Brenda. Memes, tecnologias e educação: ‘conversas’ com professoras em tempos de pandemia. **Revista Docência e Cibercultura**. Rio de Janeiro, v. 4, n.2, Maio/Ago, 2020.

TERROSO, Lauren Bulcão; ARGIMON, Irani Iracema de Lima. Dependência de internet e habilidades sociais em adolescentes. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 200-219, 2016.

WALSH, Catherine. Interculturalidad colonialidad y educación. **Educación y Pedagogía**. Medellín, v. 19, n. 48, out. 2009.

ZOLIN CARNEIRO, Carolina; DE OLIVEIRA RUSSO, Maria José. **A criança negra e a representatividade racial na escola**. Cadernos de Educação, São Paulo, v.19, n. 38, p. 105-126, jan./jun. 2020.

GLOSSÁRIO

Funk: Gênero musical que emergiu nos Estados Unidos durante os anos 1960 e 1970, caracterizado por ritmos dançantes, linhas de baixo marcantes e uma fusão de elementos de soul, jazz e R&B. No Brasil, o termo "funk" frequentemente se refere ao funk carioca, um subgênero que surgiu nas favelas do Rio de Janeiro nos anos 1980. Esse estilo musical é influenciado por ritmos do Miami bass e outros gêneros de música eletrônica, e é conhecido por suas letras que frequentemente abordam temas sociais e culturais específicos das comunidades urbanas.

Funk ostentação: Subgênero do funk brasileiro que surgiu em São Paulo no início dos anos 2000, cujas letras exaltam o consumo de bens materiais e o sucesso financeiro.

Funk proibidão: Subgênero do funk carioca que aborda temas polêmicos como a violência e a realidade das favelas, muitas vezes com letras explícitas e controversas.

Hip-hop: Movimento cultural e estilo de música originado nas comunidades afro-americanas e latinas de Nova Iorque na década de 1970, caracterizado por rap, graffiti, breakdancing e DJing.

Miami bass: Subgênero de música eletrônica originário de Miami, Flórida, caracterizado por batidas rápidas e graves intensos, influente no desenvolvimento do funk carioca.

Soul: Gênero de música popular afro-americana originado nos Estados Unidos nos anos 1950 e 1960, que combina elementos do rhythm and blues e do gospel.